This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

Stanford University Libraries
3 6105 120 052 001

A REBELLIÃO DOS INDIGENAS

EM

LOURENÇO MARQUES

POR

EDUARDO DE NORONHA

LISBOA
M. GOMES, Editor
LIVREIRO DE SS. MAGESTADES E ALTEZAS
RUA GARRETT—(CHIADO)—70-72
1894

DT
465
L4N85

HOOVER INSTITUTION
on War, Revolution, and Peace
FOUNDED BY HERBERT HOOVER, 1919

A REBELLIÃO DOS INDIGENAS

EM

LOURENÇO MARQUES

Esboço dedicado ao Ex.mo Sr. Francisco Carlos Pinto da Motta
Distincto tenente d'artilheria

POR

EDUARDO DE NORONHA

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO JORNAL — O DIA
10 e 12 — Rua Anchietta — 10 e 12
1894

LT4
L4M13

Meu caro Motta

Fica logrado na offerta. Desculpe. N'aquellas compridas noites das barricadas lembrei-me amiudadas vezes das discussões do Martinho e foi devido a essa recordação que escrevi este folheto que vae sem pretensões de qualquer especie.

Seu amigo obrigado

Eduardo de Noronha

A REBELLIÃO DOS INDIGENAS

EM

LOURENÇO MARQUES

CAPITULO I

Explicações prévias

No dia 27 de agosto de 1894 espalhou-se pela cidade de Lourenço Marques como uma surpreza desagradavel a noticia de que alguns dos indunas (grandes) do regulo Mahazuli, reunidos em Anguane, séde do commando militar das terras da corôa, tinham á força soltado um d'elles, que fôra preso, espancado o commandante militar e tomado uma attitude hostil contra o pequenissimo destacamento do batalhão de caçadores n.º 3 que ali estava e alguns cypaes.

A auctoridade superior do districto mandou para ali seguir immediatamente toda a força de cavallaria disponivel, 12 cavallos commandados por um alferes, marchando de tarde para o mesmo destino, uma força de infanteria d'esse corpo, composta d'um capitão, dois subalternos e sessenta e dois soldados.

As noticias que decorriam denotavam uma desobediencia séria mas ninguem se alarmou em demasia com aquelle estado de cousas, latente havia muito tempo.

Para bem se comprehender o que segue é necessario fazer uma narrativa succinta do que era a situação politica do districto.

Os seus limites geographicos são ao norte a confluencia do rio Pafuri com o Limpopo a 22° 23′ 48″ de L. S. e 31° 23′ 6″ Long. E. G.; a oeste pela cordilheira dos Lebombos que o limita a todo o comprimento; ao sul pela linha que passa pela intersecção do rio Pongolo com o Maputo a 26° 42′ L. S. e 32° 13′ Long. E. G.; ao nordeste por todo o percurso do rio Limpopo e ao sudeste com o Oceano Indico e bahia d'onde tira o nome.

Divide-se o districto em quatro grandes bacias hydrographicas; a comprehendida entre o rio Limpopo e Lepalule ou dos Elephantes, entre este e o Incomati, a do Incomati até ao estuario do Espirito Santo e ainda entre este ultimo rio e o Maputo.

As terras que se estendem ao norte do rio Incomati nem nos pagam tributo nem nos prestaram vassalagem, sendo umas completamente independentes, e outras, a maior parte, uma especie de feudo de que o regulo Gungunhana é suserano. Ao sul fica o territorio de Maputo descripto nas cartas inglezas como Am-tonga-land, cuja traducção significa *terra de cães*, designação dada pelos zulus por considerarem os seus habitantes menos valorosos e aguerridos. Essas terras apesar de nos prestarem vassalagem *in nomine* e d'ali termos dois residentes, um professor e duas professoras, nunca nos pagaram qualquer sombra de imposto, nem em boa verdade, nos obedecem.

Se se teem mostrado affeiçoados ao governo portuguez, n'estes ultimos tempos, é devido á colonia ingleza de Natal lhes não querer conceder o protectorado, terem receio de vêr as suas terras divididas sob o predominio de duas potencias europeias, Portugal e Inglaterra, e especialmente porque desejando permanecer com os seus usos e costumes gentilicos, temem que a administração ingleza ou os aniquile ou lhes inocule a civilisação como desde 1880 iniciou na Zululand.

Posto isto, vemos que o dominio effectivo o governo portuguez resume a sua influencia aos povos situados áquem da

curva descripta pelo Incomati, desde Ressano Garcia atè a alguns kilometros da sua margem esquerda, ás povoações da Matolla espalhadas sobre a margem do Tembe, e ao insignificante regulo da Catembe, ao sul do rio Espirito Santo.

Era antigamente o governador do districto quem directamente administrava os povos avassallados, a quem os regulos se dirigiam, quem decidia os *milandos*, quem os mandava armar em guerra, quem, n'uma palavra, era o seu grande chefe. O decreto de 26 de novembro de 1887 creou um commandante militar das terras da corôa em quem se delegou uma grande parte das attribuições que até então só competiam á auctoridade administrativa.

Houve talvez uma necessidade ponderosa para se seguir tal caminho. Era a avultada somma d'assumptos a que o governador tinha que dar solução, uns representando problemas realmente vitaes, outros verdadeiras insignificancias que se poderiam descentralisar sem nenhuma offensa ao bom senso e á regular marcha dos negocios.

Desde que o governo do districto se libertou de pensar em detalhe na administração cafreal, começou esta a merecer-lhe menos importancia e as questões dos indigenas a serem consideradas como secundarias, comparadas com a maioria das da administração geral. E' claro que á proporção que diminuia aos olhos dos pretos a acção e a importancia do governador augmentava a do commandante militar, unica auctoridade com quem se entendiam, de quem recebiam ordens e por assim dizer a quem reconheciam e isto de tal fórma impressionou o espirito dos indigenas que o commandante militar seja elle quem fôr é conhecido entre elles pelo tratamento familiar de *Chico*, diminuitivo do nome proprio do primeiro funccionario que desempenhou aquelle cargo.

As terras da corôa foram então divididas em quatro grancircumscripções. A central, a da Magaia, a das terras do Incomati e a do Norte. Os regulos principaes são, pelo numero de pessoas que pódem pôr em armas: 1.º A Magaia, regulo Mahazuli, 6000 homens. 2.º Zixaxa, regulo Mamati-

bejana, 2000 homens. 3.° Moamba, regulo Amgundjuana, 3000 homens. 4.° Matolla, regulo Cigaúle, 2000 homens. 5.° Xerinda, regulo Mahátane, 1500 homens. 6.° Manhiça do norte e sul, regulos Mugueija e Minhangua 1500 homens. 7.° Terras do Incomati, regulos Hanhane, Mabila, Mafabaze, 1000 homens. 8.° Terras do Norte, regulos Mubango, Maguche, Xacanhana, Morremilla, Manacalala. Xibange, Xicuco, Matuto e Mataninga, 3000 homens. 9.° Mahotas, Catembe, Maxaquene e Pulana, regulos Ambucuana, Mahumata, Laúlana, Maúay, Gebêba e Xitimela, 1500 homens.

O total dos guerreiros das terras da corôa deve dar um effectivo que nada terá de exagerado se se calcular em vinte mil homens, quando todos reunidos. Convém notar, que este numero é superior, e com verdade, á estatistica que apresentam os arrolamentos, em geral pouco verdadeiros pelas rasões que adeante se apresentarão.

O total da população avassallada deve-se computar, com velhos, mulheres e creanças em 60:000 almas, tendo leis communs, mas obedecendo a differentes regulos, quasi sempre em desavença por varias causas.

O tributo que pagam ao governo foi primeiro satisfeito em genero, depois em 1881 em dinheiro, contribuindo então cada palhota com 340 réis, actualmente com 900 réis e de futuro, pela nova lei com 1$350 réis. Em geral o indigena nunca teve reluctancia em satisfazer o tributo quer fôsse em genero quer em dinheiro, e quando o governador Chaves de Aguiar, com o seu habil tacto administrativo e a sua muita energia transformou o imposto de genero para metal, os regulos não só consentiram na cobrança mas ainda os que não eram avassallados começaram a render preito ao governo. O imposto foi subindo sempre até 9$0 réis e na maioria da população nunca se observou symptoma de reacção menos pacifica, apesar d'esse tributo não lhe trazer um unico beneficio material ao seu modo de viver nem com elle se iniciar melhoramentos de que compartilhassem.

A visinhança do grande potentado Gungunhana a leste e

a proximidade do regulo de Maputo ao sul, traduzia-se com frequencia para essa gente no pagamento de dois impostos, o que o governo recebe por meio dos seus cobradores e o que os dois regulos impunham e colhiam por intermedio das suas *impis* (expedições militares) que nem sempre a acção diplomatica ou militar da auctoridade administrativa podiam evitar.

O preto do districto não é o indigena boçal e estupido da Zambezia ou do interior d'Africa. A emigração constante para as colonias inglezas do sul e Transwaal onde estão em contacto immediato com europeus, onde o seu braço é a mais forte alavanca para o assentamento das linhas ferreas, para a abertura das estradas, para a construcção de magnificos edificios, para extrahir o minerio do solo; onde o seu trabalho, inconsciente é verdade, concorre para imponentes obras hydraulicas, para o funccionamento de complicadas machinas a vapor, para a carga e descarga de navios collossaes, para o saneamento d'extensas cidades, emfim para tudo a que o progresso e a civilisação imprime o seu poderoso vigor, vê muito, aprende alguma cousa e na sua rudez nativa relempejam clarões deixando um rasto de intelligencia e sensatez.

A par d'isto, n'elle como no homem policiado, o instincto da guerra transparece immediatamente logo que a camada de civilisação cahe.

Quando os indigenas de regresso ao lar, dos paizes para onde emigraram temporariamente, contam como os *boers* suffocaram as tentativas de rebellião de Secucuni, do Mapoch e do Amguato; como os inglezes destruiram a tyrannia militar dos zulus, como dispersaram Langalibalele, como a policia da South African derrotou e matou o Lobengula; e comparam esse enorme poder com os nossos meios suasorios e brandos onde raras vezes se tem exercido um sevéra licção militar; quando ouvem a narração de que o Maputo nunca pagou tributo e consegue manter-se independente, sendo a construcção d'um quartel, d'um pharol, de qualquer

melhoramento no seu territorio, origem de *saguates* (presentes) e de diplomaticas sollicitações; quando escutam a fórma porque se procede para com o Gungunhana, que nos deve o seu poderio, pela força e armas com que auxiliámos seu pae Muzilla a vencer Mauéué; dando-lhe nós avultados presentes; permittindo-lhe que guerreie, assole e subjugue regulos que são nossos vassallos; que mantemos junto d'elle um residente a quem não respeita; que nos trata de potencia a potencia; dentro do cerebro do preto avassallado, onde as idéas se confundem n'uma semi-obscuridade selvagem, onde a unica razão convincente é a do mais forte, produz-se uma especie de reacção contra o senhor que suppõem fraco, uma como confiança no bom exito da proxima revolta.

Desde 1872 que no districto não havia uma sublevação. A ultima fôra energicamente repellida e seguida d'um severo castigo deportando para Moçambique o regulo Amule, avô de Mamatibejana, actual regulo do Zixaxa, agora o chefe, a alma da rebellião.

A politica d'então como a presente, considerou vantajoso repatriar o regulo insurgente e se elle durante o resto da vida, que pouca foi, não repetiu a tentativa, educou o neto na esperança d'uma futura desforra, na certeza d'uma posthuma vingança.

Nenhuma potencia colonial tem tirado resultados em restaurar no poder os regulos ou *iudunas* depostos por sublevação, e valeria a pena citar exemplos se o nome de Mapatacanhana, mandado preso para Moçambique em 1888 por desobediencia e libertado por inexplicavel commiseração em 1890, não fôsse um dos maiores promotores da recente rebeldia, commandando os negros nos ataques contra a cidade.

Sôltas das mãos do governador as prerogativas de julgar as causas cafreaes, nem semprem fôram estas sentenceadas segundo os usos e costumes locaes, nem sempre a justiça e a razão presidiram ao seu julgamento, nem sempre a imparcialidade e um absoluto desprendimento de sympathias foi a nórma seguida.

II

O commandante militar das terras delega parte das suas attribuições nos commandantes militares subalternos, na maioria das vezes um official tirado ao acaso da fileira ou um protegido a quem é necessario servir. Nem conhece a lingua porque a tal não é obrigado, nem sabe dos usos cafreaes porque nunca se dedicou a esse estudo, nem investiga da topographia da sua circumscripção porque em geral não tem habilitações; vive n'uma palhota, commanda sete a oito soldados pretos, dorme, aborrece-se, e nem exerce propaganda, nem acção militar, nem presta informações que n'um dado momento possam servir.

Em Outubro e Novembro de cada anno percorre as povoações palhota a palhota, cobra o imposto, incendeia as que estão deshabitadas, fornece algumas sovas de cavallo marinho n'um ou n'outro negro menos reverente, leva o producto da cobrança a Anguane, recebe a sua percentagem e vae de novo dormir onze mezes.

Ha excepções como em tudo.

E' preciso dizer-se agora como se paga a um official n'estas circumstancias. Quem vive no sertão paga sempre a alimentacão mais cara, sugeita-se a se tiver uma doença morrer sem recursos, a morar em logares infectos, n'uma palhota que lhe não veda a chuva; arrisca-se-se a se houver uma sublevação ser chacinado sem perdão nem lucta; se os caminhos estão interrompidos ou pelas intemperies ou pela guerra a alimentar-se como os cafres e ou tem de ser um heroe e fica sem cabeça, ou tem de ser um cobarde e nem sempre consegue salvar a vida, ou tem de ser um concussionario e joga os galões.

O official collocado n'esta brilhante situação é remunerado com a gratificação de 20$000 réis mensaes, porque se não faz a cobrança, nada recebe da percentagem do imposto cobrado ainda que tenha servido todo o anno.

O commandante militar tal como elle é hoje nem tem o prestigio da força militar porque lh'a não dão, nem o da administração pacifica porque não sabe uma palavra do dialecto landim.

O missionario portuguez, em geral, não comprehende o seu dever nas colonias, metade por culpa sua, metade porque o governo lhe não faculta meios de catechisar no sertão. Mal pago sempre, com frequencia ignorante, sem vocação para a vida que abraçou, entretem-se a parochiar nas povoações do littoral e não tem recursos, nem quer, nem sabe ir ao interior, secundar por meio da propaganda religiosa a acção politica do governo.

Em contraposição a esta lamentavel e descuidosa inercia existem em Lourenço Marques duas congregações protestantes, a de Wesley e Lutherana, servidas por missionarios que não descansam um momento em crear proselytos e trazer ao seu gremio e interesses avultada porção de indigenas.

Habeis e intelligentes, sacerdotes por vocação, conhecendo variadas sciencias, prégando na lingua dos indigenas, casados e trazendo comsigo suas mulheres, percorrem as povoações, estabelecem-se nos logares que melhor lhes convém e empregam todos os seus esforços para o bom exito da sua obra. Soldados disciplinados ás ordens de chefes cheios de experiencia e estudo, obedecendo cegamente ás instrucções recebidas, são os mais perigosos inimigos do dominio portuguez em Africa.

O governo tem em cada districto dois ou tres padres ignaros que cardam as ovelhas, rezam e dizem missa, ensinam mau portuguez a meia duzia de alumnos e dormem o resto do tempo á espera que se completem os quatro annos para regressarem á metropole. Os governos ou companhias estrangeiras nossas adversarias, possuem dez ou doze pessoas d'ambos os sexos, sacerdotes ou seculares, que trabalham infatigavelmente, que não ensinam ao preto nenhuma lingua europeia porque o educam no seu dialecto, não lhe móem as intelligencias com dogmas incomprehensiveis, não discutem estupidas theses theologicas e como querem deixar atraz de si um traço luminoso do seu nome, vivem junto d'elles no matto, alliando a doutrina do crucificado aos argumentos capciosos da diplomacia.

A missão suissa cuja séde está em Neufchatel tem em Lourenço Marques as seguintes aggremiações: A da cidade com duas casas uma de madeira e zinco, ampla e vasta servindo de templo e outra d'alvenaria para habitação dos missionarios, uma das melhores e mais pittorescas vivendas da localidade. Residem ali entre outros o padre Berthoud e Junod bem conhecidos pelas suas viagens, observações meteorologicas e estudo da fauna e flora do districto, suas esposas e madmoiselle Teuscher.

A de Rikatala, proximo do Anguane e da povoação de Makazuli, um dos regulos revoltados. A de Antioka, dirigida por mr. Grandjean, auctor d'uma carta topographica muito apreciavel de toda a região do Incomati. A da Mahota por um preto intelligente e activo chamado Pene. A da Catembe pelo preto Gimo que dispõe d'excellentes qualidades para missionar.

Na povoação do Gungunhana existe uma outra missão á frente da qual está um missionario, habil cirurgião, tendo feito milagrosas operações de cataracta e que exerce uma grande influencia sobre o regulo, como nos certificou o sr. Bettencourt e 1.° tenente Bicker, ambos residentes junto d'aquelle potentado.

Ter-se-hiam organisado mais tres missões, uma no Lhanguene, proximo da de S. José, outra no Marracuene perto do vau sobre o rio Incomati e outra ainda na Mahota junto da concessão de mr. L. Usslaub se os factos succedidos não impedissem a concessão de mais terrenos.

A missão Wesleyana dispõe por ora de menores meios. Comtudo durante todo o tempo da rebellião conservou-se na cidade o bispo dos Lebombos e um coadjuctor, e conta como dedicado servidor, Roberto Mashaba, um indigena illustrado, que vale bem em habilidade qualquer europeu de boa educação e que possue uma concessão de terreno nas terras do Zixaxa perto do regulo Mamatibejana.

Não resta a menor duvida que estes missionarios com seitas religiosas differentes, de nacionalidades diversas, tiveram

communidade de interesses e um papel politico importantissimo na rebeldia dos indigenas.

Tendo a ingenuidade de acreditar que não prégaram abertamente a desobediencia e a rebellião, as suas theorias niveladoras, os principios evangelicos de egualdade, a obsecação inoculada no espirito do preto de que é irmão do branco, com as mesmas regalias de conforto e eguaes prerogativas de existencia, produziram um tal desiquilibrio no seu animo, um abalo tão profundo nas suas conveniencias, uma convicção tão sincera nas suas mais acrisoladas ambições, que elle julgou-se apto e com direito de se estabelecer na cidade expulsando os europeus para o mar.

CAPITULO II

Causas remotas e proximas da rebellião

Ha hoje na Africa do Sul um homem que póde ser considerado um verdadeiro colosso ou porque o seu talento seja assombroso ou porque a ambição seja desmedida ou porque o seu nome seja como um projectil arremessado pelo componente explosivo de varios interesses e intelligencias do meio em que vive.

Esse homem é Cecil Rhodes.

Simples advogado em Londres aconselharam-lhe os medicos que procurasse na Africa do Sul em lenitivo á sua doença pulmonar. Chegado ali accommetteu-o a febre dos diamantes que então se extrahiam em abundancia das minas de Kimberley. Feito mineiro, de picareta em punho como muitos outros que usavam os mais aristocraticos nomes de Inglaterra, começou a enriquecer. Eleito deputado, de tal fórma ganhou popularidade que, a breve espaço, foi nomeado presidente do conselho de ministros da colonia do Cabo.

Fallando com difficuldade no começo da sua carreira publica, arrastando e repetindo a phrase, tal é a sua força de vontade, que é hoje um orador fluente, calmo e elegante.

A Africa do Sul formará um dia uma confederação, senão um grande imperio em que a raça ingleza predominará. Eis

a sua theoria, o objectivo para que dirige toda a sua intelligencia e energia.

Os chefes indigenas não se curvam reverentes á sua vontade de ferro, destroem-se; os *boers* não se submettem a interesses que não são os seus, annexam-se, mas como o seu espirito de independencia é forte, as espingardas certeiras e a guerra mortifera, inundam-se os campos, as minas, as cidades, de subditos britannicos; a região do Zumbo e de Macequéce é rica e prospera, invade-se; Portugal protesta, responde-lhe o *ultimatum* de 11 de janeiro, precedido d'um outro da colonia para a mãe patria que se o não apresentasse a independencia do Cabo seria um facto; é necessario que os lagos do centro d'Africa, o exercito de occupação no Egypto e o extremo sul se communiquem entre si, uma numerosa guarda de postes telegraphicos são dispersos pelo interior d'esse continente negro como vedetas ameaçadoras d'uma proxima invasão; em Buluayo ha ouro, os terrenos são ferteis, os rebanhos bastos, a borracha em abundancia, assassina-se o Lobengula; o caminho de ferro de Lourenco Marques a Pretoria é uma realidade, a ruina do commercio do Cabo e Natal são provaveis, a inauguração está perto, a tentativa de compra falhou, o emprestimo foi addiado, os pretos avassalados por um motivo futil e sem base são lançados como um enorme bloco contra algumas centenas de brancos n'uma cidade sem defeza.

Em politica depois de Machiavello, elle.

Os emissarios da British South African Company andam n'um constante caminho para a povoação de Gungunhana e ora assignam tratados que elle não cumpre, seja dito em boa verdade, ora lhe fazem avultados presentes d'armas modernas como em 1891, ora lhe pagam imaginarios tributos de terras e concessões que ainda não fez.

Diz-se que por ora pouco ou nada obtiveram da sua velhaca diplomacia cafreal. E' certo porém que este facto colloca a nossa influencia n'um pé muito pouco lisongeiro para o paiz e em circumstancias extraordinariamente difficeis o

desgraçado funccionario que ali reside que nem é embaixador nem intendente, porque pouco sabe do que se passa em volta d'elle.

Se na conjunctura que descrevemos o regulo Gungunhana não teve uma parte activa, porque lhe sabe bem receber as pingues offertas de inglezes e portuguezes, desempenhou indiscutivelmente um consideravel papel passivo que de ha muito sustentava, cegando de todo os que do nosso lado não viam ou não queriam vêr.

Nenhum dos regulos sublevados se atreveria a tomar tão arriscada deliberação se não fôsse poderosamente instigado por forças que impelliram o seu orgulho de guerreiro para o combate, a sua ambição para a independencia, e, especialmente sem terem a absoluta convicção não só da neutralidade de Gungunhana, mas ainda a certeza no abrigo seguro que offereceria á gente e gados em caso de derrota e de terem que fugir debandados pelas nossas forças.

Estas são as causas remotas, vamos a vêr agora os factos que serviram de pretexto ao rompimento.

O primeiro commandante militar das terras foi o sr. tenente-coronel Francisco Lopes Serra, que tendo ido para Lourenço Marques muito novo possuia um rasoavel conhecimento do dialecto landim e sabia minuciosamente o que se póde considerar como *direito cafreal*. Substituiu-o o tenente coronel Nogueira e durante a vinda d'este a Lisboa, foi o logar desempenhado por tres differentes officiaes. As interinidades em qualquer ramo de serviço publico são sempre prejudiciaes e as d'aquelle cargo mais talvez do que nenhum outro.

O pae de Mahazuli, regulo da Magaia, Mapunga, tivera em tempo uma desavença com o regulo Mavéja, cujas terras ficam a oeste do districto, na fronteira do Transwaal. Mandada ali uma *impi* derrotou a gente de Mavéja ficando este, segundo a lei cafreal tributario e vassallo de quem o vencera. Mavéja nunca se conformou com a derrota soffrida e muito menos com o predominio do regulo da Magaia que a sorte das armas lhe imposera.

Morreu Mapunga e succedeu-lhe seu filho Mahazuli. Procurou Mavéja por todos os meios tornar-se independente, suscitando a cada passo *milandos* que eram julgados pelos commandantes militares em exercicio. Uns comprehendiam a questão d'uma fórma e decidiam o julgamento a favor de Mavéja e claro está que Mahazuli ficava descontente; outros decidiam n'o em sentido contrario e era Mavéja, sempre ancioso da sua independencia, que não se dava por satisfeito.

Como estas auctoridades eram interinas, não se queriam comprometter com complicações que poderiam vir a ser graves, como foram, e ainda porque se lembravam do proverbio, *après moi le déluge*. Iam sentenciando para a occasião, sem caracter definitivo, á espera que o successor desembrulhasse a meada.

Dopois de muitos e renhidos debates, algumas vezes mesmo rixas sanguinolentas, foi decidido que Mahazuli tinha direito a duas terças partes das terras de Mavéja e este ao terço restante. Esta decisão era contraria ao direito cafreal; o regulo e *indunas* da Magaia receberam-n'a de má vontade mas aquietaram-se durante algum tempo.

O governador do districto ordenou um dia que se pedissem carregadores ás terras, e o commandante militar que costumava fazer a requisição, dividindo o numero de carregadores precisos pelos differentes regulos, mandou pedir os que deveriam ser fornecidos pela Magaia ao regulo Mavéja, vassallo, em logar de os exigir ao Mahazuli, suzerano.

Mavéja, senhor do seu papel, mandou pelas povoações fornecer o contingente necessario. Mahazuli indignou-se com este procedimento e ia havendo uma lucta mortifera entre o povo dos dois regulos. O commandante militar chamou-os a Anguane onde o regulo da Magaia compareceu com cerca de dois mil homens armados.

Mahazuli é um rapaz de 20 a 22 annos, boçal estupido e cruel, conserva-se n'um estado de embriaguez permanente, estado para que os *indunas* concorrem a fim de poderem governar livremente em seu nome.

A idéa do commandante militar quando os mandou chamar e aos grandes, era, por ordem superior, prender os principaes *indunas* que incitaram o regulo á desobediencia. Como porém a policia, ou espionagem para melhor dizer, dos cafres sobre as auctoridades europeias é muito melhor organisada e bem feita do que a que se exerce sobre elles, vieram os *indunas* e regulos com a respeitavel guarda d'honra que acima dissémos.

O apparato militar com que Mahasuli se apresentou embaraçou sobremaneira o commandante, que viu logo a impossibilidade absoluta de pôr o seu plano em execução. Depois d'uma discussão bastante acalorada entre auctoridades brancas e pretas, onde transpareceu sempre da parte d'elles o tom firme e energico de quem sente a força do seu lado, retiraram-se pacificamente, vendo-se o commandante obrigado a dar-lhes alguns garrafões d'aguardente.

Na cidade censurou-se muito este expediente e os bellicosos d'então, que foram os pacificos de depois, queriam que a auctoridade superior do districto lhes desse uma lição, depondo o Mahazuli, prendendo os *indunas*, queimando as povoações e dizimando a gente. Faltava para que essa deliberação tivesse bom exito, a annuencia dos outros regulos em fornecer guerreiros para esse fim, um effectivo rasoavel de força regular e a opportunidade, porque a desobediencia não fôra formal.

Qualquer commoção politica paralysaria o commercio do interior e havia ainda a esperança de que aquelle incidente se terminasse, como muitos outros, por meios suasorios.

N'esta occasião chegava a Lourenço Marques ordem de pôr em execução o decreto que elevava o imposto de palhota de 900 réis a 1$350 réis. A occasião era mal escolhida.

A rebeldia do regulo Malaboch no Transwaal, as difficuldades que ao principio o governo d'aquelle estado encontrou para a debellar, produziram uma grande excitação entre as povoações indigenas.

Os pretos avassalados julgavam ter, e até certo ponto com

razão, queixa contra a forma porque se cobrava o imposto. Para ajudar a receber esse tributo eram nomeados varios sargentos e mesmo alguns civis que na maioria não eram escrupulosos na maneira como procediam a esse serviço. Os indigenas accusavam os cobradores de, se encontravam uma palhota d'alguem que emigrava, ou obrigavam o chefe da povoação a pagar pela palhota deserta ou a incendiavam; que quando a somma total dava 4$500 réis ou multiplo d'essa quantia que a recebiam em dinheiro portuguez, mas se não attingia essa cifra eram intimados a apresentar dinheiro inglez que, como se sabe tem agio importante.

Debalde argumentavam que, sendo pagos na *Chilonguine* (cidade) pelo seu trabalho em moeda nacional não tinham outra para dar; que por estes e outros motivos futeis, á mais pequena observação eram espancados com cavallo marinho, que os cobradores e os soldados pretos que os acompanhavam matavam gallinhas, cabritos e porcos para seu sustento, representando isso um segundo tributo bem oneroso.

Se n'estas queixas ha exaggeros, ha tambem, forçoso é dizel-o, muito fundo de verdade.

Quando foi dada ordem para se prevenirem os pretos da elevação do imposto, o jornal da localidade *O Futuro de Lourenço Marques*, expoz no seu artigo editorial, que o imposto ainda era pequeno e que deveriam augmental-o até 2$250 réis, sendo o excesso, uma receita para a camara municipal.

Este artigo puramente doutrinario e talvez justo na essencia, foi habilmente aproveitado pelos *chiconguelas* (missionarios) para these das suas predicas. Em Rikatala e na cidade, houve duas conferencias ambas em landim e perante numeroso auditorio, em que se fallou na egualdade do preto, nas extorsões dos brancos, no excesso dos impostos, na ausencia de melhoramentos materiaes, taes como estradas, abertura de poços, etc. e no fim fez-se-lhe ver a forma philantropica e bondosa como os seus irmãos eram tratados nas colonias inglezas de Natal e Cabo.

A effervescencia, que já era grande, augmentou e sentia-se que breve haveria uma explosão.

O governo precisava de carregadores para transportarem generos para qualquer ponto do districto e a maior parte das vezes pela escacez da verba orçamental não lhes pagava. A camara municipal precisou de grande numero de trabalhadores para o calcetamento das ruas, e, queixavam-se os negros que os salarios se atrasavam de forma que uma grande parte, cançados de esperar a féria, se retiravam para as suas povoações sem dinheiro mas resentidos. O caminho de ferro por occasião das grandes reparações precisou de avultada porção de braços e se eram escrupulosamente pagos, eram em geral espancados pelos empregados menores que nem excepção faziam dos *indunas* que os vigiavam.

Nas ruas, a requisição de particulares, a pretexto de qualquer transgressão de posturas ou ainda por simples arbitrariedade para ter gente para os trabalhos municipaes, o administrador do concelho mandava prender indigenas, e quando eram necessarios recrutas para Angola ou Moçambique, lá ia tudo quanto estava na cadeia, não havendo selecção nem escrupulo na remessa. Finalmente, queixavam-se mais que o governo distribuia as terras que eram dos seus antepassados a estrangeiros e nacionaes, dando-lhe grandes concessões, tirando-lhe as suas propriedades sem reservar faxas de terreno para agricultarem e viverem.

Estas arguições ouviam-n'as todos que conheciam um pouco o dialecto, e conhecia-se no rosto dos que as faziam e no tom convicto com que fallavam, que se sentiam perfeitamente convencidos de que se praticava com elles uma grande injustiça e iniquidade.

Os motivos d'estas queixas eram na maioria desconhecidos da auctoridade, que tendo complexos assumptos a estudar e resolver não podia conhecer até aos menores detalhes a razão que assistia aos queixosos e até que ponto se exhorbitava nas attribuições dos differentes cargos.

Pouco a pouco foi diminuido o numero de pretos que tra-

balhava na cidade e operando-se grandes concentrações entre os povos de cada regulo.

Os missionarios protestantes pregavam sempre, a exaltação dos pretos ia crescendo e nem uma só palavra de prevenção foi dita á auctoridade, elles que conheciam o *landim* tão bem como a sua propria lingua, elles que dia a dia viam crescer a tempestade que mais tarde se desencadearia sobre os portuguezes.

CAPITULO III

O auxilio de Maputo

Foi n'este estado de sobreexcitação d'animos, habilmente alimentada por quem quer que fosse, qne o tenente coronel Nogueira de regresso ao districto foi tomar conta do commando superior das terras.

Poucos dias depois da posse foi-lhe ordenado que pozesse em vigor o augmento do imposto. Lançara-se fogo ao rastilho.

Ao mesmo tempo o governo como para dar satisfação a uma parte da opinião publica e acceitando affirmativas de quem pouco sabia de questões cafreaes, instava com o commandante das terras para convocar a uma conferencia os principaes *indunas* do Mahazuli e ali prenderem-se os mais salientes, remetterem-n'os para a cidade e de lá para Moçambique. O remedio podia ser bom, o doente é que não queria tomal-o.

No dia aprasado appareceram os *indunas*, mas escoltados por tres ou quatro mil homens armados, formando no largo que se estende por defronte da casa do commando. Havia ali um destacamento de vinte soldados pretos entre os quaes alguns de Angola.

Servia de interprete official um cabo de quem nos temos

esquecido fallar e que era tambem uma das causas da desobediencia. Este homem tão inferior quanto era a sua posição, tinha merecido pelas suas extorsões o rancor de todos os indigenas que estavam em communicação com o commando. Rarissimas vezes traduzia na integra o que os pretos narravam ao commandante e vice versa, isto sempre que tal convinha aos seus interesses; fazia requisições de bois e gado miudo por sua conta e risco, invocando algumas vezes o nome de pessoas que pela sua elevada posição estão fóra de toda a suspeita; decidia *milandos*, por sua alta recreação, recebendo para isso a competente bocca.

As auctoridades não o suspeitavam mas os indigenas havia muito tempo que lhe conheciam as excepcionaes aptidões.

Reunida aquella massa de gente armada, depois de varias accusações feitas pelo commandante militar e de differentes desculpas dadas pelos *indunas*, quiz aquelle dar cumprimento á ordem recebida e mandou prender pelos soldados alguns d'elles, conseguindo ainda mettel-os n'um calabouço tão fragil como inutil. Os pretos ficaram algum tempo indecisos e depois de muitos protestos e pedidos, os mais arrebatados arrombaram o calabouço, soltaram os *indunas* e fugiram.

Os soldados fizeram fogo sem resultado, o commandante metteu-se por meio d'elles a socegal-os e a tentar recapturar os prisioneiros mas foi recebida á *nongada*. No largo havia uma confusão enorme, as azagaias esfusiavam no ar, as balas sibilavam por todos os lados e quando se recuperou o sangue frio, o recinto estava deserto, os *indunas* presos a caminho das suas povoações, alguns feridos aqui e acolá e nas mãos dos soldados dois pretos sem importancia que foram mandados para Lourenço Marques.

Participado o caso ao governo foi então, como já dissémos, que marchou para Anguane a força de policia a pé e a cavallo.

Já não era uma simples desobediencia, era uma rebeldia á mão armada perfeitamente caracterisada. A necessidade do castigo prompto, immediato, fulminante, tornava-se urgente,

no emtanto os elementos para lh'o inflingir eram tão escassos e problematicos que o governador do districto se via a braços com difficuldades de tal ordem que eram quasi impossiveis de superar.

Transmittida ordem ao commandante militar para a gente dos regulos se armar, a ordem foi cumprida sem demora. Chamados a uma conferencia em Anguane vieram os principaes; ouvida a intimação para irem bater a Magaia declinaram todos essa missão com melhores ou peiores razões. Unanimemente responderam que dariam os seus guerreiros para esse castigo quando fossem os de todos os regulos avassallados, assim irem uns e outros ficarem, não, porque mais tarde a desforra de Mahazuli recahiria sobre quem não tinha forças para se defender do seu poderio relativamente grande.

Era um mau protexto.

Foi posta de parte a ideia de contar com o auxilio dos regulos que compareceram á conferencia de Anguane. Os pretos do Mahazuli cuja povoação fica proxima do rio Incomati fecharam as communicações fluviaes, assaltaram as lanchas que ali navegavam, expulsaram alguns mouros que negociavam nas terras, roubaram-lhe fazendas e alcool, insultaram e espancaram alguns europeus que passavam nas embarcações vindas da Xerinda, Manhiça e Magudo, obrigando-os a deixarem parte das mercadorias, n'uma palavra, exerceram toda a casta de pirataria.

Sabido isto na cidade mandaram sahir o vapor *Neves Ferreia* e *Xefina*, um para a foz do rio por não ter agua mais acima e o outro com ordem de subir até ao vau do Marracuene. O tenente Furtado, commandante do *Neves Ferreira* chegando á foz metteu-se no *Xefina* e seguiu rio acima. Na cidade correram duas versões; uma que aquelle official sem ser hostilisado metteu no fundo alguns *dongos* e quando os negros acudiram á praia, atirou-lhe algumas descargas da metralhadora que produziram bastantes baixas, sendo depois obrigado a retirar por ter soffrido um aturado fogo de fusilaria;

outra que só rompeu fogo depois d'algumas balas baterem no costado da embarcação e tão rasteiras que o mouro que ia ao leme se deitou no convez, vendo-se obrigado a retirar por o vapor ser completamente descoberto e as margens do rio cheias de matto e tão proximas que quasi era impossivel errar um tiro.

Fôsse como fôsse os vapores retiraram para o fundeadouro e a entrada do rio ficou livre, não só para os revoltosos se approximarem d'ella, mas ainda sem fiscalisação que impedisse a entrada de polvora e armas com que os asiaticos contrabandearam muito a seu salvou e segundo a tradicção não pequeno numero de europeus.

Alguem teve então a infelicissima ideia de propôr que se sollicitasse o auxilio do regulo de Maputo. Discutido o assumpto, pesados os prós e contras, resolveu-se mandar o capitão Vasconcellos n'uma missão especial á rainha Zambile e regulo Ingoanazi. Chegado á povoação e exposto o motivo da sua embaixada, reunida a *tindava*, aclaradas algumas duvidas, ficou assente que o Maputo mandaria quatro mil homens para bater o gentio revoltado logo que a auctoridade os requisitasse, sendo uma das principaes condições que se distribuissem armas a esses auxiliares.

O governador geral prevenido em Moçambique da gravidade dos acontecimentos em Lourenço Marques, embarcára sem previr a auctoridade local, que todavia foi informada da sua partida por um telegramma do consul inglez em Moçambique mandado ao seu collega na cidade, que o mostrou ao governador do districto.

Sustou-se, á espera do governador geral, qualquer deliberação sobre o Maputo, a vêr se aquelle funccionario sanccionaria ou não a resolução tomada.

Havia serios inconvenientes na vinda dos auxiliares de Maputo.

Era problematica a boa fé no auxilio d'aquelle potentado, cujo espirito de independencia e tradicional hostilidade nos devia levar a uma sensata desconfiança, e, ou o regulo se

recusava terminantemente a prestal-o, e o governo passava por uma gratuita humilhação, ou o dava e era vencedor, e ficavamos com um poder militar ao pé da porta, orgulhoso das suas armas, que nos ameaçaria constantemente.

Nada nos garantia que elles em frente dos rebeldes não fizessem causa commum, vencedores que não tentassem saquear a cidade, vencidos que não dessem uma tal influencia moral aos rebeldes, que os teriamos a atacar a cidade.

Parte do seu territorio está dentro da esphera de influencia de Portugal e mais de metade na que pertence a Inglaterra. O alistamento no serviço faz-se por contingentes d'uma certa edade; ora, vindo os quatro mil homens, claro está que viriam encorporados pretos que não eram nossos vassallos, e eis que, para castigar a rebeldia de regulos portuguezes, se recorria ao auxilio de subditos estrangeiros, o que poderia dar logar, como aconteceu, a reclamações diplomaticas.

Em quanto se estava tratando de pedir uma especie de protecção a um antigo inimigo, o commandante militar fôra ao regulo Amgundjuana da Moamba, instar com elle para prestar a sua gente para bater o Mahazuli. A' sua approximação das povoações que precedem a do regulo, todos os negros fugiam, e quando lá chegou aconteceu-lhe o mesmo, tendo que esperar immenso tempo. Appareceu-lhe o regulo completamente embriagado, ouviu a exposição do official e, como resposta, n'um movimento brusco, tirou violentamente o chapeu ha cabeça do interprete, que tinha ido de Lourenço Marques, e disse-lhe: «se o governador quer auxilio para a guerra, ha de encher trez vezes este chapeu de libras e fornecer armas.» Dito isto retirou-se e não quiz mais fallar sobre o assumpto.

Chamada á povoação a mãe do regulo Maticuana, uma preta gordissima, foi-lhe apresentado o mesmo pedido, ao que respondeu: «Os brancos querem os meus filhos, que são pretos, para bater outros pretos por causa do augmento do imposto de palhota, irmãos não matam irmãos, os brancos já mandaram chamar a *impi* de Maputo, que venha, que as nossas azagaias tingir-se-hão de sangue.»

Era uma recusa formal e uma energica affirmativa de que o sindigenas se tinham colligado na defeza d'um interesse reciproco.

Eram duas humilhações juntas. O nosso prestigio quebrara-se completamente.

Os pretos da povoação de Amgundjuana faziam extraordinarias exigencias ao commandante Nogueira, desfeitearam-n'o; os poucos carregadores que levava eram espancados e extorquiram-lhe quasi á força um vale pedindo alcool e casacos, e ainda queriam mais, ao que aquelle official se furtou, dizendo que mandassem um *induna* com elle que tudo satisfaria, *induna* que, chegado á estação do Pissene, foi mandado embora sem lhe ser entregue nenhuma das coisas que pedia.

O governador geral chegára e concordou na necessidade de se chamar a *impi* de Maputo. Para esse effeito partiu para ali o secretario do governo, o rezidente chefe interino e um interprete. Nenhum segredo se tomou ácerca dos motivos da embaixada, todos os conheciam e eram discutidos em publico.

Era do dominio geral que os *indunas*, commandando as *mangas* de Maputo, usariam uma faxa de panninho vermelho e os simples guerreiros branca.

O vento soprava do sul com furia e era impossivel a qualquer embarcação subir o rio de Maputo e chegar a Macassane. A embaixada permanecia na cidade e a noticia da sua missão espalhara-se com uma rapidez de raio pelas terras.

A recordação do ultimo *raid* que os *maputos* fizeram nas terras, em 1873, estava presente no animo de todos, as mulheres, carregando os filhos, internavam-se nas florestas, o gado era mandado para o territorio de Gungunhana, que lhe dava abrigo, os ferreiros forjavam azagaias de aduellas de pipa, o povo concentrava-se nos pontos estrategicos, os celleiros eram transportados para logar seguro e todavia alguns dos missionarios protestantes continuavam vivendo entre os indigenas.

A primeira idéa dos pretos era uma resistencia passiva ao pagamento do imposto de palhota, e reservavam-se para a

fazer na occasião da cobrança, em Novembro. Os successos que se deram com o Mahazuli apressaram as manifestações de desobediencia, a verdade, porém, é que não tinham assentado definitivamente em tomar a offensiva.

O antigo prestigio, a paz de muitos annos, a bondade com que, salvo raras excepções, eram tratados, imperavam na sua indole de fórma a não lhe promover idéas sanguinarias e de aberta hostilidade. E' bem possivel que a acção d'uma diplomacia segura, exercida por pessoa que tivesse influencia entre elles, evitasse os factos que se succederam e pouparia ao governo o dispendio enorme que fez. Para desempenhar essa missão offerecera-se o sr. Antonio da Silveira, habil e diligente colono, que falla o landim como o portuguez, e que conhece dos assumptos cafreaes como ninguem.

A lembrança de que a gente de Maputo os viria bater, talar-lhes os campos, assassinar as mulheres, incendiar as palhotas, destruir as *colimas*, exarcerbou-lhes o animo d'uma maneira violenta. O espirito de vingança começou a modificar os primitivos planos, viam a ruina e a morte em perspectiva, e como não esperavam essa acção energica do governo, causou-lhes tal surpresa que se preveniram, primeiro para a defeza e planearam em seguida tudo para o ataque.

Se alguem por traz da cortina promovia a desordem e incitava os negros a crearem difficuldades ao governo, o conselho pouco sensato d'alguns imprudentes ajudou com uma efficacia extraordinaria, secundou d'uma fórma prodigiosa o plano dos que queriam fazer estacionar Lourenço Marques.

Quiz se sangue e teve-se a guerra.

CAPITULO IV

O campo de Anguane

Anguane, séde do commando militar das terras, fica ao norte da cidade, a 15 kilometros, em territorio do Zixaxa. Quando se organisou o commando e foi determinado o seu estabelecimento, o logar aproveitado foi, como sempre, menos propriamente escolhido. Limitado por dois grandes pantanos a nordeste e leste e situado n'uma baixa. é um sitio insalubre, sem condições hygienicas e estrategicas.

A pouca distancia, 200 metros talvez, fica um systema de collinas, de cincoenta metros d'altura, que era o ponto natural da sua collocação, não só porque é mais sadio mas ainda porque commanda as planicies e caminhos que lhe passam no sopé.

Ha ali uma rasoavel habitação de madeira e zinco, algumas outras construcções provisorias e palhotas onde residem os cipaes e soldados da guarnição. Em seguida á marcha do corpo policial para Anguane, seguiu-se-lhe o batalhão de caçadores 3 de Moçambique, mas com um effectivo tão diminuto que não chegava a ter 50 praças.

Dois dias depois tiveram o mesmo destino 50 praças de caçadores 1, vindas de Moçambique na *Rainha de Portugal*, das quaes 20 recrutas sem instrucção, e que aproveitaram o

primeiro momento propicio para desertar, e outras 50 de caçadores 4, vindas de Inhambane pelo vapor *Induna*. Esta concentração era motivada pelas noticias que se espalharam, de que os rebeldes se preparavam para atacar o commando de Anguane.

O engenheiro civil Paes de Almeida, chefe da secção de Obras Publicas, foi encarregado de organisar um campo intrincheirado, apoiando-se nos dois pantanos que, cheios d'agua pelas ultimas chuvas, não accusavam váus. Este funccionario, muito activo e intelligente, obrou verdadeiros milagres na conducção de materiaes e artilheria para o campo.

O recinto fortificado ficou com um grande desenvolvimento que, bastante espaçoso para tropas numerosas, era trabalhosamente defensavel para um effectivo limitado. Sobre os caminhos que veem do Zixaxa, da Moamba e Magaia, e a commandamento d'elles, foram levantados abrigos feitos de saccos d'areia e armados dois com peças de 8^{cm} e o terceiro com uma metralhadora Montigny, que pertencia ao corpo policial.

O espaço comprehendido entre estes abrigos estava vedado por arames de bicos, seguros a postes, como se usa para fechar as propriedades.

Esta defeza era fraca. Se os indigenas dessem um assalto, uma simples machadada, cortaria os fios e inutilisaria a vedação. Melhor seria terem-se cravado estacas no solo, cerca de $0^{m},50$, fóra do terreno e fixar-se o fio sobre os topos a formar uma rede de certa extensão, como se usa nas defezas contra a cavallaria.

Tão grande era o ambito do campo que desde o ponto onde os soldados estavam acampados até qualquer dos abrigos era necessario gastar meia hora quando se tivesse de guarnecer a artilheria ou qualquer dos postos. Por fim o campo foi restringido; a execução d'esse trabalho fez acreditar aos rebeldes n'uma proxima retirada e quando dissuadidos d'essa esperança, ficaram convencidos de que a guarnição era menor que suppunham.

Os boatos mais extraordinarios e pessimistas circulavam e

engrandeciam dia a dia, o governador em Lourenço Marques passava verdadeiras torturas, estando a cada hora á espera d'um ataque ao campo de cujo resultado se receiava pelo numero desproporcionado de negros que poderiam tomar parte no assalto.

Em Anguane, depois que o campo foi limitado ao effectivo da força fazia-se um verdadeiro serviço de campanha, com vedetas, patrulhas, rondas a pé e a cavallo. A disposição dos soldados europeus era excellente, mal alimentados, com um rude serviço a cumprir, ao sol durante o dia, ao relento toda a noite, dormindo pouco, armados sempre, na espectativa constante d'um ataque que lhes poderia ser fatal, conservavam o seu bom humor, riam e brincavam, os que estavam convalescentes ou com licença da junta apresentavam-se e não havia n'aquelles valentes corações um vislumbre de receio ou cobardia. Os soldados pretos, com especialidade os de Angola pareciam não ter consciencia do perigo que corriam e cada um contava a façanha que tencionava praticar da qual a menor era arranjar um rosario das orelhas dos rebeldes, que pendurariam ao pescoço.

N'uma noite houve tiroteio das vedetas ao approximarem-se grupos de negros, isto adduzido ás noticias cada vez mais aterradoras que corriam ácerca da intenção dos rebeldes, levaram o commandante a officiar ao governador, que a guarnição de Anguane corria imminente risco de ser toda sacrificada.

Reunidas n'uma especie de conselho algumas pessoas da confiança da auctoridade, submetteu-se a votos a conveniencia de evacuar Anguane. O engenheiro Paes de Almeida oppoz-se tenazente a essa deliberação e com tão bons argumentos a combateu, que a ideia foi posta de parte, continuando a força a occupar aquelle ponto.

Por este tempo o sr. Almada, rapaz habituado á vida facil de Lisboa, mas por então cançado d'ella, mettera-se a sertanejo e fora com uma pacotilha ao Gungunhana. Reduzida a fazenda a libras retirou-se d'ali e veiu acompanhado

por um soldado d'Angola. A quatro horas da povoação de Anguane morreu-lhe o cavallo, continuou o caminho a pé, comendo milho e massa, prato que com certeza não faz parte dos *menus* do Bragança ou do Internacional.

Quando quiz atravessar o vau do Marracuene veiu muita gente armada interceptar-lhe a passagem, o soldado quiz reagir, ao que elle se oppoz para não serem os dois feitos em postas.

Vendo a vida em perigo, não obtendo licença para proseguir, declarou-se inglez. A esta magica confissão foi-lhe facultada a passagem e fornecido um *induna*, que os acompanhou até fóra das terras do Mahazuli para que ninguem os hostilisasse.

Esperava-se a toda a hora a chegada dos auxiliares de Maputo. recrudescendo ao mesmo tempo a excitação nos pretos das terras. As conferencias entre os differentes regulos succediam-se sem interrupção, diversos planos de ataque e defeza eram acceites e depois reprovados, os rebeldes mantinham-se em grandes massas e tudo se preparava para qualquer acontecimento anormal.

O regulo do Zixaxa, Mamatibejana, rapaz de 24 para 25 annos, valoroso, intelligente e arbitrario, tendo atraz de si as tradições bellicosas de seu avô Amule e de seu pae Zixaxa, pensando vingar-se da derrota, aprisionamento e desterro a que condemnaram o seu antepassado, instigado pelo *induna* Mapatacanha, sonhando combates gloriosos, era habilmente incitado pelos grandes do Mahazuli e por elle proprio para se pôr á frente d'um movimento offensivo.

Lisonjeando-lhe a vaidade, offereciam-lhe o ser um grande potentado, o chefe de todos os regulos que se furtassem á vassallagem dos portuguezes, um futuro Gungunhana da margem dlreita do Limpopo. Promettiam-lhe o saque enorme da cidade, muito ouro nos bancos, immenso alcool nos armazens, prodigioso numero de fardos de fazenda nas casas commerciaes, todo o armamento na sua mão, toneladas de polvora em seu poder, o mar no seu dominio, a alfandega por sua

conta, os brancos todos mortos á azagaiada e elle victorioso como um rei zulu nos seus aureos tempos.

Esta deliciosa miragem acabou por decidil-o. Atacari i os portuguezes.

Reunido o conselho, a que assistiam os seus mais considerados *indunas*, sua mãe e tios, expoz-lhe o plano em termos enthusiasticos e com a profunda convicção de que se sahiria vencedor da arriscada empreza. Os grandes responderam unanimemente por meio de vivas e applausos. Sua mãe, n'uma linguagem sensata e onde transparecia o amor maternal, fez-lhe vêr os gravissimos riscos que arrostaria declarando a guerra, que se lembrasse do que acontecera ao pae e terminou por proferir esta phrase, absolutamente verdadeira: «*Onde chegou o branco nunca mais o preto governa*».

O regulo enfureceu-se, gritou, ameaçou e mandou retirar a mãe do conselho. espalhando-se durante algum tempo que elle a fizera assassinar. Em seguida á mãe tomou a palavra um tio, que foi ainda mais energico, verberando que se lembrasse de tal projecto e se deixasse levar por ambições alheias e conselhos extranhos que fariam a sua ruina e a do povo que governava.

Ao ouvir isto Mamatibejana, que tinha ao lado uma Martini carregada, aponta-a e desfecha-a, deixando o pobre velho morto, banhado em sangue, respondendo a este cobarde assassinato um cavo e profundo *viva* soltado pelos *indunas* que assistiam calmos e impassiveis a esta scena barbara.

Depois d'este incidente os pretos tornaram-se mais atrevidos, como que estaheleceram um assedio a seu modo ao campo de Anguane.

Esse cerco não era permanente, appareciam aos grupos mais ou menos numerosos durante o dia, entoavam canções de guerra, davam saltos prodigiosos, fingiam que arremessavam as azagaias, apontavam as armas, mas nunca se resolveram a atacar.

Dia a dia iam cerrando gradualmente o circulo e approximando-se cada vez mais das trincheiras; a cavallaria sahia,

mas apenas os negros viam os cavallos fugiam e internavam-se no matto.

No dia 23 de setembro tornaram-se mais audaciosos e vieram a alcance de tiro; como do campo não quizessem romper o fogo, empregaram a cavallaria, ordenando que os varressem para longe. Os negros a principio pareciam querer fazer frente. mas ainda talvez por um resto de respeito foram recuando e internaram-se como de costume, mas a curta distancia. O alferes da secção de cavallaria ordenou que os perseguissem; os soldados, que estavam cançados d'aquella guerra sem sangue, mortos de fadiga e de somno, carregaram e levaram a perseguição um pouco longe.

O cabo 4, bom cavalleiro, de robusta constituição, que com licença da junta antes da revolta se apresentara logo ao serviço, correu sobre um grupo do cafres, apanhou um pelo capacete de pennas que usam quando em traje guerreiro, e em logar de lhe metter uma bala ou segural-o com uma cutilada, conservou-o agarrado. O capacete saltou fóra da cabeça do negro, este desembaraçado passou para a esquerda do cavallo, que era extremamente manso, e rapido, vibrou-lhe uma azagaiada ao ventre que o estendeu morto.

Os outros soldados carregaram de novo sobre os cafres, matando e ferindo alguns, e retiraram-se por fim para dentro do campo conduzindo o cadaver do seu infeliz camarada.

Era o primeiro sangue portuguez que se derramava.

CAPITULO V

A retirada de Anguane

No dia 23 de setembro de 1894 começaram a correr na cidade os mais extraordinarios rumôres, dizia-se que Mamatibejana atacaria a cidade durante a noite. Os indigenas dos arredores da cidade recolhiam abandonando as palhotas e confirmavam em termos exageradissimos o boato.

A' noite, a cidade em geral tranquilla, resentia-se d'uma grande excitação, havendo acaloradas discussões nos hoteis, no kiosque do jardim, nos grupos estacionados nas ruas e mesmo nas casas particulares.

As noticias a principio duvidosas, ainda que em parte baseadas em informações d'origem que se deveria ter por segura, começaram como de costume a tornarem-se em certeza absoluta e á noite indicava-se com a maior convicção quaes os pontos por onde os pretos atacariam, a sua força, os seus planos, ete.

O governador Canto e Castro não acreditava na probabilidade do ataque, mas em vista da attitude da maioria da população e ainda na crença que tinha ganho alguns militares, tomou as providencias que julgou necessarias.

A' proporção que a noite ia cahindo e a escuridão era mais densa, mais forte e tensa era a obsecação dos que

acreditavam no ataque. Ao escurecer desembarcou uma força de marinheiros da corveta *Rainha de Portugal*, composta de 50 praças, commandada pelo 2.° tenente Sepulveda, guardas marinhas Nogueira e Pinto Cardoso, indo estacionar para o quartel da policia no alto do Mahé.

A's 9 horas desembarcava outra metralhadora Maxim com a sua guarnição. Já as ruas começavam a estar desertas. O rodar monotono da viatura na calçada, a marcha cadenciada dos serventes silenciosos e tranquillos, a escuridão pesada que envolvia a cidade, o grasnar das rãs no pantano, os assobios prolongados dos pastores recolhendo o gado, como que vaticinavam algum sinistro acontecimento.

A essa mesma hora vinha ordem do governo para se distribuirem, mediante recibo, as armas e cartuchame que havia no deposito do material de guerra. A essa distribuição presidiu o engenheiro Paes de Almeida e secretario da Camara, Pereira. Em duas horas distribuiram-se cerca de duas mil armas, das quaes 112 carabinas Kropactshek, 400 a 500 espingardas do mesmo systema, algumas Martini Henry e o resto Sneyder.

D'essas duas mil pessoas, pretos, mulatos, mouros, banianes, parses, estrangeiros e portuguezes, não havia tresentos que manejassem a espingarda que se lhe dera e duzentos que tirassem vantagem das armas de tiro rapido. Eram, exceptuando um cento de portuguezes e estrangeiros, uma multidão perigosamente armada, que fariam mais damno aos amigos que baixas no inimigo se elle apparecesse e elles o esperassem.

No emtanto o governador não podia deixar de proceder como o fez.

O alvoroço e a exaltação eram grandes, a crença no ataque absoluta, o instincto de defeza pronunciava-se vigorosamente e é certo que se a distribuição do armamento se não fizesse com uma certa legalidade, o povo passaria por cima da licença governativa, arrombaria as portas do deposito e apoderer-se-hia do armamento á força.

As medidas militares tomadas consistiam n'um posto artilhado com uma metralhadora Nordenfelt, no Matadouro, a 1:800 metros a oeste da cidade. Era defendido pelo pessoal do caminho de ferro, cerca de 46 homens, todos civis, á excepção do alferes Brito, capitão Oliveira e tenente coronel Araujo, director. Era o unico capaz de se defender e resistir devido á influencia pessoal de quem o commandava.

Na casa das machinas para elevação da agua, no pantano, havia um segundo posto, que se compunha ds todo o pessoal operario das Obras Publicas, cerca de 35 homens dos quaes apenas 5 tinham sido militares. Era commandado pelo engenheiro Paes de Almeida e se bem que tudo boa gente, álem de estarem mal abrigados, faltava-lhe o conhecimento da arma que manejavam e a cohesão da resistencia.

No quartel do alto do Mahé, estavam os 50 marinheiros, 22 soldados da policia, major Assumpção e tenente coronel Martins de Carvalho. Havia duas peças em bateria, uma batendo a linha ferrea que atravessa o pantano e outra na avenida da Matolla batendo o bairro indigena.

Proximo do cemiterio estava um posto de 15 homens, commandado pelo tenente graduado Ramos da Silva, ao lado, sobre a estrada, havia uma peça que varria a langua da Munhuana.

De guarnição a esta peça, estavam dois soldados do corpo policial e dois cipaes da administração. Entre o quartel e o posto crusavam duas patrulhas que tinham que percorrer uma distancia de 1:800 a 1:900 metros antes de soccorrerem ou serem soccorridos.

Na avenida Francisco Costa, em casa do dr. Ferreira, havia um outro posto, occupado pelos Bombeiros Voluntarios e alguns civis que se lhe aggruparam, comprehendo ao todo 33 homens, commandados pelo sr. Fortunato Cagi.

A casa da Camara formava outro posto com todo o pessoal municipal superior e menor, cêrca de 25 homens, commandados pelo secretario Joaquim José Pereira. A casa tem primeiro andar, o secretario foi militar, é um caracter de-

cidido e energico e fez do edificio um nucleo de resistencia importante.

Finalmente, na Alfandega todo o pessoal aduaneiro, a que se reunira o da capitania do porto commandado pelo escrivão Velloso, com um total de 50 homens, estava concentrado e conservava-se prompto a ser mandado para qualquer local que fosse necessario defender ou reforçar.

Ora estes 270 homens, civis na maioria, sem nenhuma noção do serviço militar, sem nunca terem visto o fogo, tinham que defender uma cidade aberta por todos os lados, sem sombra de fortificação, abrangendo uma linha de perto de quatro kilometros na peripheria. Accrescia a isto, a noite estar escurissima, não se divisar um vulto a dez metros de distancia e presumir-se que os negros atacariam simultaneamente por muitos pontos.

Á meia noite foi o governador Canto e Castro rondar todos os postos. Visitou primeiro o dos Bombeiros Voluntarios; a gente estava bem disposta, nenhum tinha a noção exacta do perigo que corriam. Estavam ali duas senhoras, ambas commovidissimas, uma, pela sorte dos filhos, outra, pelo grande numero de sustos que soffrera. O governador interrogou uns pretos que foram presos por andarem armados dentro da cidade e que eram uns pobres pescadores, naturaes de Inhambane, sendo prevenido tambem de que um grupo de proximamente 30 homens armados passára por perto das vedetas do corpo policial, no cemiterio, affastando-se quando estas lhe fizeram fogo.

Dirigiu-se ali; o tenente estava no posto e conservava junto de si apenas 8 soldados. A noite estava tão cerrada e a escuridão tão densa que só se deu pela proximidade da peça, quando os cavallos atiraram um salto para o lado, estava-se a dois metros de distancia e nem perguntaram o regulamentar «quem vem lá?» nem se divisou a menor sombra.

De lá foi o governador ao quartel. Estava tudo de prevenção, a marinhagem d'armas ensarilhadas, as metralhadoras e os canhões guarnecidos. Ahi se demorou até ás 2 ½ da ma-

nhã. Em seguida rondou a gente da camara que estava vigilante e á espera do menor signal para se defender e passou pela Alfandega cujo pessoal se conservava no mesmo pé, continuou pela casa do Atheneu Commercio e Industria onde deveria haver um posto organisado pelos socios mas estavam portas e janellas fechadas e ou tudo dormia ou ninguem lá estava.

Quando chegou á residencia foi informado o governador que havia minutos tocara a unir no Corpo policial, toque que se não repetiu apesar de se avançar até ao pantano n'aquella direcção. Quiz voltar ao quartel da policia mas como faltava rondar o Matadouro dirigiu-se para lá, pela linha ferrea, a pé.

Chegou ao Matadouro eram 3 $^1/_4$ da manhã encontrando toda a gente no seu logar, o tenente coronel Araujo de carabina ao hombro, activo e vigilante, a tomar as medidas que o caso requeria.

A lua em quarto mingoante vinha apparecendo por traz do Maxaquene, com uma luz tão pallida e opaca que pouca claridade espargia, quando o governador se despediu, o som vibrante d'uma corneta tocou a unir, a seguir uma descarga e novo toque.

Tinha de se percorrer mais de 800 metros por sobre carris e travessas. A linha estava cheia de agulhas, wagons, feixes de rails, barricas de cimento, d'um lado o muro de supporte onde o rio vinha marulhar e que não offerecia caminho do outro esses mil obstaculos que se costumam amontoar nas proximidades de qualquer estação.

A meio do caminho ha uma ponte sobre a comporta do pantano que é preciso atravessar n'uma taboa de dois decimetros de largura, apressa-se o passo, os encontrões eram sem numero, o homem que servia de guia tropeçava a cada instante e durante este percurso, mais de vinte minutos, tinham-se dado cinco tiros de artilheria, grande numero de fusilaria e as cornetas de marinheiros e policia não cessaram de tocar a unir.

Pensou-se que havia refrega no alto e ainda não se tinha

chegado á estação quando se ouviram duas descargas, uma dada pela gente do caminho de ferro no Matadouro, outra pela das obras publicas no Deposito das aguas, isto levou a acreditar que os negros atacavam pela frente e flancos.

Aquelle caminho parecia não ter fim, o governador nada podia saber de definitivo, apenas de tempos a tempos apparecia o clarão brilhante da polvora inflammada, as detonações repercutidas na encosta e mais amiudadamente o relampejar rapido da fusilaria seguida do crepitar estridulo do fogo das Kropatschek.

Chegado á residencia já d'ali tinha sahido o governador geral mandando conduzir a metralhadora que estava na Alfandega para avenida D. Carlos e fazendo lá concentrar todo o pessoal.

O governador dera ordem a todos os postos, excepto ao do Matadouro e Deposito d'aguas, para se concentrarem na cidade baixa ao primeiro signal de alarme.

Os Bombeiros Voluntarios que desceram do Maxaquene com alguma pressa e se estavam empoleirando no telhado da Secretaria do Governo para fazerem fogo d'alto e quanta gente se foi apresentando foi disposta em linha em frente do pantano e da avenida Central. Pouco depois chegaram os soldados da policia e os marinheiros que tomavam a mesma posição, mettendo se em bateria duas metralhadoras Maxim uma na travessa da Porta da Linha e outra em frente da avenida Aguiar.

Ali estavam os dois governadores, todos os officiaes que estavam na cidade, o commandante da *Rainha de Portugal*, Moraes e Sousa, quasi todos os funccionarios e alguns habitantes europeus.

O tenente Ramos da Silva que estava n'um ponto isolado, contava que vira avançar um grande numero de pretos sobre o cemiterio e que fizera fogo d'artilheria, fogo que fôra a causa do alarme, que tornára a fazer segundo e que depois se concentrára na cidade, abandonando a peça por lhe ser impossivel transportal-a.

Parte da força de marinheiros estendeu em atiradores pelo pantano, aguardando n'esta formatura qualquer eventualidade. Em frente da linha viu-se avançar um vulto trazendo uma arma que luzia na escuridão, intimado quatro vezes a dizer quem era, foi-lhe feito fogo e depois de ferido é que se resolveu responder. Era um soldado que recolhia da vedeta, um pouco desnorteado pelo tiroteio, parecia ter perdido o uso da falla, o que lhe valeu o cumprimento d'uma bala que por felicidade apenas o tocou de raspão nas costellas.

Chegou por fim a madrugada e quando o sol appareceu no horisonte, as forças de marinheiros e de policia regressaram ao quartel, os funccionarios destroçaram e os habitantes recolheram a suas casas.

Devemos registrar um facto que mostra bem o que vale a disciplina e o brio militar. Quando os marinheiros e a policia tiveram ordem de se concentrar na cidade, ou por esquecimento ou por necessidade de serviço, foram deixados no quartel, o guarda-marinha Nogueira, quatro praças da armada e a metralhadora que commandava. Este official conservou-se no seu posto até á madrugada, só, durante tres horas, sem saber o que succedia em volta de si, Elle e os seus quatro homens foi a unica força que ficou na cidade alta até ao romper do dia.

Os negros perderam n'aquella noite a unica boa occasião que tiveram para entrar na cidade, saqueal-a e matar muita gente, quasi sem perder um homem. A cidade alta foi abandonada pela força das circumstancias e os seus habitantes entregues aos proprios recursos, o pessoal d s obras publicas isolado no Deposito d'aguas não tinha retirada possivel em caso d'ataque e seriam disimados sem probabilidades de se escapar ou defender; os empregados do caminho de ferro, atirados sobre o flanco, defender-se-hiam porque tinham a commandal-os homens energicos, possuiam uma metralhadora e tinham o material circulante para se abrigar, mas isolados e sem apoio, seriam no fim d'um combate desegual completamente sacrificados.

Os negros poderiam ter descido entre o quartel e a avenida Central, metterem-se pelos cajueiros que estão na encosta, atravessarem o pantano e internarem-se pela rua D. Luiz e Araujo. Apanhavam a população, que estava nas condições de se defender em linha na avenida D. Carlos, cahiam-lhe sobre a rectaguarda e flanco esquerdo e em menos de cinco minutos estava tudo azagaiado. D'aquelle lado não havia uma unica sentinella.

A defesa n'estas circumstancias era uma irrisão, o ataque se se désse, uma carnificina. Não era falta de previdencia da parte de quem dirigia, era a ausencia de força regular sufficiente que obedecesse sem discutir.

A manhã do dia immediato passou-se sem novidade, ás quatro horas da tarde foi determinado, sob proposta do tenente Noronha, que se levantassem barricadas nas ruas que desembocavam sobre o pantano, avenida D. Carlos e lado da praia a sudoeste, ficando todas promptas e em condições de defesa até ás 7 horas da noite.

A morte do cabo de cavallaria e o presumido ataque á cidade levaram o governador geral a mandar retirar a força de Anguane. As 11 horas da manhã deu-se ordem pelo telephone para a retirada. A determinação causou mau effeito na força, especialmeute entre os soldados do Corpo policial, que queriam a todo o transe vingar o seu camarada.

Os officiaes da força pediram licença para não retirarem, mas a ordem foi repetida d'uma fórma cathegorica e indiscutivel. Foi determinado que se encravassem as peças por faltar gado para as conduzir, que se queimasse toda a polvora, que era muita, que se inutilisasse o armamento que se não podesse transportar e que se envenenasse todo o alcool, vinho e mantimentos de bocca.

Os preparativos de retirada, que começaram na maior calma, acabaram por uma inexplicavel desordem. A artilheria não foi encravada, os cunhetes de polvora sem serem abertos foram lançados ao pantano, o armamento mal enterrado, o vinho e o alcool ficaram tão inoffensivos como d antes. A co-

lumna sahiu do acampamento perto das 3 horas da tarde e chegou a L. Marques ás 6 e meia, não tendo sido atacada, nem sequer incommodada, deixando apesar d'isso uma metralhadora a menos de meio caminho.

A culpa d'esta lamentavel confusão e abandono não pertence a nenhum dos officiaes que compunham o Corpo policial, nem aos soldados que d'elle faziam parte. O tenente coronel Nogueira, que estava em serviço na Moamba, e alguns outros officiaes, ficaram apenas com a roupa que vestiam.

Os soldados da secção de cavallaria, commandados pelo alferes Antonio Manuel, vinham acompanhando o unico carro que alli ficara e que trazia varios objectos pertencentes á Fazenda. Demorados pela marcha lenta do vehiculo, foram-se distanciando da columna e chegaram á cidade duas horas mais tarde, nada abandonando no caminho, e cumprindo o seu dever até ao fim.

Esta retirada deu logar a muitas censuras na opinião publica e aos mais estapafurdios e mentirosos telegrammas. Fez mau effeito, sem duvida, mas era inevitavel. Primeiro que a ordem fosse expedida reuniu-se um conselho de guerra, de que fizeram parte os dois governadores, commandante da corveta, tenente coronel Araujo e commandante da policia. A retirada foi votada por unanimidade e com rasão.

A cidade apenas tinha de guarnição 70 homens de força regular entre marinheiros e um punhado de policias, estava aberta por todos os lados e sem meios de resistencia séria. Os pretos tinham debaixo d'armas e á mão entre 12 a 15 mil homens, numero sufficiente para atacar simultaneamente o campo de Anguane e a cidade, ou para assaltar separadamente cada um dos dois pontos. Se tivessem tido coragem para o fazer, o resultado era por sem duvida a seu favor.

A distancia que separa Anguane da cidade, a sua posição topographica, as suas más condições estrategicas, não evitavam um assalto arrojado, porque todo um exercito passaria impunemente entre os dois logares, sem perigo de ser incommodado e nenhum receio teria de qualquer ataque sobre a

rectaguarda ou flancos, porque a tropa que guarnecia o campo apresentava um tão diminuto effectivo que nada poderia tentar n'esse sentido e ficaria com as communicações cortadas.

Foi uma triste necessidade pelas consequencias, mas inadiavel.

As barricadas foram melhoradas e artilharam-se algumas. Ás 11 horas da noite reuniram-se na Praça 6 de Março toda a força regular, sendo-lhe designadas então as barricadas que deveriam guarnecer, não se ouvindo uma queixa ou um grito de má vontade aos soldados, que depois de vinte e quatro dias de serviço violentissimo em Anguane e d'uma marcha forçada durante o dia vinham promptos e corajosos defender as barricadas.

N'essa noite, todos os habitantes da cidade, nacionaes e estrangeiros, ficaram de vigia e guarneceram as barricadas que lhe foram indicadas. A da avenida 18 de maio era defendida pelo pessoal do caminho de ferro, commandado pelo tenente coronel Araujo; a da rua Araujo pelos estrangeiros, tendo á sua frente Mr. Cook, gerente do Banco de Pretoria; a da rua de D. Luiz por estrangeiros e portuguezes, ás ordens do sr. Benjamim Cohen; a da travessa de S. Pedro por mouros, banianes e soldados de caçadores 4, sobre o commando do tenente Tito Nogueira; a da travessa da Palmeira por soldados de caçadores 3, dirigidos pelo capitão Leão; a da travessa da Catembe por soldados de caçadores 4, sob a vigilancia do capitão Pina Rollo; a da travessa da Porta da Linha por uma força de marinheiros com o tenente Sepulveda por commandante; a da travessa das Larangeiras pelos Bombeiros Voluntarios com o capitão Miranda; a da rua da Fonte por outra força de marinheiros com o guarda-marinha Nogueira; as da travessa do Maxaquene, rua Lapa e rua de Nossa Senhora da Conceição pelo Corpo policial, ás ordens do major Assumpção, capitão Aguiar, tenente R. da Silva e alferes Custodio Silva, Praça e Baptista da Silva.

No Atheneu Commercio e Industria havia um posto armado commandado pelo tenente Encarnação; fóra da linha das

barricadas estava o do hospital, dirigido pelo dr. Arnaldo Vieira; o da Camara Municipal commandado pelo secretario Joaquim José Pereira e de prevenção no edificio das obras publicas todo o pessoal sob a direcção do engenheiro Paes de Almeida.

De serviço no quartel general, estavam os tenentes Noronha e Moreira de Sousa, alferes José Francisco e Castello Branco e o sub-chefe da repartição de Fazenda, Ernesto Mestre, um paisano que vale qualquer bom militar. A séde do quartel general era no Café da Bianca, junto da barricada dos marinheiros. Ali se conservaram durante todas as noites, o governador geral, general de brigada Fernando de Magalhães, governador do districto Canto e Castro, commandante da corveta, Moraes e Sousa e todos os officiaes que estavam ás suas ordens.

A cidade alta fôra abandonada e os moradores convidados a recolherem-se no recinto defendido pelas barricadas. Essa noite passou-se como muitas outras e o silencio apenas era interrompido pelos multiplicados *Quem vem lá?* das sentinellas, e por um ou outro tiro disparado por impericia.

O serviço era feito com a maior cautella, a cavallaria patrulhava nas avenidas, nas barricadas ninguem dormia, as rondas succediam-se sem interrupção, e era crença arreigada em todos que os negros viriam assaltar a cidade n'essa noite por causa da retirada de Anguane.

CAPITULO VI

A fuga dos auxiliares de Maputo

Toda a esperança agora se baseava, para muitos, na vinda de gente de Maputo, por isso que não havia noticias de reforços da metropole. O serviço era violentissimo, toda a tropa, todos os funccionarios e bastantes particulares, perdiam noites consecutivas, de pé, nas barricadas, ao cacimbo, á chuva, a rudes ventanias e tempestades.

Quem primeiro se cançou de tal serviço foram os estrangeiros; com dissidencias entre si por emulações de commercio e rivalidades de patria, começaram a escassear nas barricadas, até que por fim ficaram, salvo rarissimas excepções, guarnecidas apenas por nacionaes.

Na noite de 25 de setembro, espalhou-se pela cidade o boato de que a canhoneira ingleza *Thrush* desembarcara parte da guarnição para defender o consulado inglez. Era infelizmente verdade, o consul Mr. Bernal, com evidente menospreso da inviolabilidade de territorio, requisitara o desembarque de 22 marinheiros com uma metralhadora, tudo commandado por um official.

Este desembarque foi feito sem auctorisação do governo e depois de effectuado é que se communicou como um facto consumado e que se repetiria. Assim era, com effeito, por-

que pela manhã, quem estava nas barricadas via descer os marinheiros inglezes aos grupos de tres e quatro e embarcarem na ponte, desembarcando á noite na mesma disposição.

O serviço das barricadas pesava sobre todos, quem podia dormir de dia ia-se deitar ás seis da manhã, hora a que eram desguarnecidas e descançava até ao meio dia, dando isto uma completa desorganisação em todos os ramos de serviço publico. Havia a crença, não sabemos fundada em que asserção, que os negros só atacariam de noite.

Toda a população tinha armas, durante noite e dia ninguem se separava da espingarda e cartuchame, que passou a fazer como que parte integrante do vestuario. Este apego por aquella ferramenta bellica dava origem a que de hora a hora se ouvisse a detonação de uma arma que se disparava e não era raro sentir-se aos ouvidos o silvo de uma bala que corria perto. Uns queriam ensinar o manejo da Sneyder, enganavam-se armando o segundo entalhe e ao tocar no gatilho lá se ia um tiro; outro não sabia de que lado pôr a bandeira na Kropatschek, e ao menor contacto desfechava; outro queria conhecer do recuo e não fazia cerimonia em atirar; aquelle queria alvejar e logo que tinha a pontaria feita fazia fogo. Se calcularmos que havia cerca de duas mil espingardas n'um perimetro relativamente pequeno, que a Sneyder tem um alcance de 1:200 metros e a Kropatschek póde attingir até 2:200, ha de se concordar que havia muito mais perigo e probabilidades de se ser varado por uma bala amiga do que por uma azagaia inimiga.

O cortador d'um talho, como se fôra o divertimento mais innocente d'este mundo, collocou-se á porta do estabelecimento a fazer experiencias balisticas ao vivo. Furou a camisola a um preto na altura do ventre, tornou a carregar, apontou e desfechou para quem isto escreve, que só teve tempo de dar um salto para o lado, passando a bala por onde deveria estar a cabeça do escrivão da camara, Pereira, que apenas teve o tempo preciso para se abaixar. Ia sendo *lynchado* pelos que presenciaram o caso.

De noite era um nunca acabar de tiros, não contra o inimigo, mas por impericia, curiosidade e malvadez. Ao principio corria-se a saber se havia novidade, depois acceitava-se como a coisa mais natural do mundo. Umas vezes era um moleque que se evadia da cadeia e que dez cipaes a atirar sobre elle deixavam fugir incólume; outras era qualquer morcego enorme que se projectava no escuro e que apanhava uma descarga par ir com mais saude; outras ainda era um burro que passava aos pinotes e se desforrava da recepção de polvora e chumbo zurrando de uma forma ensurdecedora.

A embaixada do governo chegara a Macassane e logo o regulo Ingoanazi, ao que parecia, alegre e satisfeito, mandou armar quatro mil dos seus guerreiros. A reunião d'este numero levou muito tempo; juntos, foi indispensavel proceder ás cerimonias de que não prescindem em taes casos; consultado o *gagau*, morto o boi, estudada a lua, examinados os astros, julgaram-se habilitados a principiar a marcha.

Concentrados na povoação do regulo executaram a grande dança de guerra, entoaram as mais bellicas canções, declamaram em estylo elevado quantos inimigos haviam de matar, a quantas palhotas lançariam fogo, quantas mulheres fariam prisioneiras e quantas cabeças de gado dariam de presente ao regulo.

Este, no meio d'elles, sorria-se e fingia-se enthusiasmado com a narração épica das futuras façanhas da sua gente, nomeava chefes de guerra rapazes da sua edade, para lhe ser permittido usar a corôa de *induna*, entregava um bello capacete de guerra a seu cunhado Gustavo Bruheim, um allemão, casado com uma irmã natural, despedia os embaixadores portuguezes com a maior amabilidade e dava ordem para que a *impi* sahisse quanto antes porque lhe comia todo o gado, arrasava a *colima* e lhe esvasiava os celleiros.

A marcha dos hunos ou dos wandalos era a d'um rebanho de cordeiros comparada com a de esta hoste de selvagens. Com um capacete de pennas na cabeça, tronco nú, *munjovos* de pelles á cintura, argolas de cobre e ferro nos pul-

sos e joelhos, cascavéis nos braços e nas pernas, *rodella* no braço esquerdo, uma *nonga* e cinco azagaias na mão direita, eis todo o uniforme, ornamento e equipamento d'esta horda infrene, sem disciplina nem consciencia, completamente entregue aos seus instinctos bestiaes de sangue e pilhagem.

Ainda dentro do seu territorio principiaram o saque. Por onde passavam tudo fugia, velhos, mulheres e creanças; as galinhas, cabritos e bois, eram caçados, mortos e comidos; as sementeiras de milho, mandioca e batata doce devastadas n'um abrir e fechar d'olhos; o caminho percorrido por aquelle tufão apresentava o desolado aspecto d'um grande cataclismo.

Quando chegaram á margem direita do rio estava ali o piloto da capitania, Marques, com embarcações para os passar para a margem esquerda. Mettiam horror pelo seu aspecto e pelas intenções sanguinolentas que manifestavam.

Diz-se que Ingoanazi quizera mandar a *impi* pelo trajecto de 1873, isto é, marchar pelas suas terras até ao váu do Echiça, atravessar o Tembe, passar o Umbeluzi e seguir pelas terras da Matolla até á cidade, caminhando depois directamente para Anguane. O governo porém, ou pela urgencia que tinha do auxilio ou para os não deixar passar pelas terras do regulo Cigaúle, da Matolla, que se conservava neutral, resolveu que viessem pela Catembe até defronte da cidade, na margem direita do rio Espirito Santo e d'ahi fossem transportados em lanchões para a outra margem.

A *impi* vinha acompanhada pelos seguintes europeus. Gustavo Bruheïm, major Lobo, residente na Boa Vista, tenente Liborio, interpretes Diniz Paes e Henrique Heitor. Cada *manga* tinha o seu chefe e toda a *impi* era commandada pelo grande chefe de guerra.

Logo que a *impi* entrou em terras da Catembe, territorio ha muito cubiçado pelos maputos, começou uma verdadeira *razzia*. A população, nossa vassalla, sempre fiel, fugira toda para a ilha do Refugio, levando o que poude, deixando as povoações desertas. Imagine-se o que aquelles bandidos fa-

riam em propriedade alheia quando na sua pouco tinham poupado.

As colheitas desappareciam, umas vezes pela necessidade de alimentar tantas pessoas, outras por malvadez, todo o gado era devorado, as palhotas eram saqueadas e logo pasto das chammas; as cantinas e casas de negocio situadas no caminho, revolvidas de cima a baixo, os fardos abertos, a fazenda retalhada, o alcool bebido, as latas destruidas, a contaria espalhada e o que lhes não servia, esmagado, partido ou arrombado.

A primeira casa que saquearam foi a do negociante Manuel Fernandes, depois a de Celestino Pinto, em seguida a de quantos baneanes encontraram, e com tal faro para o roubo que desenterraram armas e polvora dos sitios mais reconditos e muniram-se de pequenos espelhos circulares para se admirarem. Passando pela casa que servia de egreja aos missionarios suissos nada deixaram inteiro e terminado o estrago, cada um vinha armado d'uma biblia.

Quando o saque era bom em aguardente, mandioca, arroz ou gado, assentavam campo e não havia esforços, nem pedidos, nem ordens que d'ali os arrancassem. Quando já proximos da praia, declararam aos officiaes que não marchariam sem o governo lhes mandar bois, exigencia que se satisfez e de que resultou caminharem apenas 3 horas por dia, atrasando a marcha e comendo boa porção d'elles.

Finalmente uma manhã começaram as *mangas* a apparecer na praia. A' frente vinham os europeus de que fallamos, uns a cavallo, outros em burros, a seguir, os chefes de guerra, depois uma grande linha occupando todo o espaço desde a ribanceira até á agua, composta de cinco a seis filas, apoz esta uma menos compacta e no coice uma grande porção de mulheres e creanças conduzindo esteiras, travesseiros e panellas.

Era um espectaculo bisarro para quem nunca o vira. O tom pardacento e escuro d'aquella cohorte destacava-se a toda a luz no amarello esmaiado da areia, ao longe assemelha-

va-se á grande nuvem de gafanhotos que dias antes ensombrára a cidade e que fôra, no dizer dos pretos, o pronuncio da guerra.

Áquella distancia e com semelhante agglomeração, era uma magnifica *mouche* para duas ou tres granadas lançadas pelos canhões da *Rainha de Portugal.*

Logo que chegaram ao local designado para o embarque, assentaram-se, não sem primeiro arrancarem toda a madeira que formava a vedação do quintal pertencente a um portuguez e que aproveitaram como lenha para cosinhar. Pouco depois chegaram ali os governadores e grande quantidade de curiosos que fizeram do local objectivo de peregrinação.

A passagem foi addiada para o dia seguinte, por se não poder completar o desembarque n'esse dia e os carros das Obras Publicas começaram a transportar saccas d'arroz para a baixa da Munhuana onde deveriam acampar.

No dia immediato foi para a praia da Catembe o vapor *Neves Ferreira* rebocando cinco ou seis lanchas onde se deveriam metter. Pela manhã foi para aquelle local o governador do districto e mais tarde o governador geral. Quando tudo estava preparado para se começar o transporte, declararam peremptoriamente que não embarcariam, sem que lhe fosse distribuido armamento Martini Henry e correspondente cartuchame.

Por mais promessas que se lhe fizessem, por mais eloquentes argumentos que se lhe apresentaram, ficaram inabalaveis na sua resolução e a passagem para a margem esquerda ficou de novo addiada para o proximo dia.

Esta exigencia deixou a auctoridade perplexa, se se lhe entregava bom armamento podiam voltar-se contra nós, se se lhe não désse nenhum, não passariam, como declararam. N'esta difficil conjectura appareceu um *generoso e patriotico* baneane que offereceu *gratuitamente* mil espingardas Albani, com a condição do governo lhe comprar cincoenta mil cartuchos por um certo preço, o sufficiente para tirar judaicos lucros da *generosa offerta*, e que fóra esta vantagem, ganhava

receber o capital empatado pela prohibição da venda de polvora e armas. A *offerta* foi acceite.

A arma Albani custa posta em Lourenço Marques 2$250. Por aqui se faz ideia do seu merito. E' effectivamente de carregar pela culatra, sem extractor, cano da expessura d'um cartão, alma sem estrias, coronha de pinho, passadeiras de folha, fecharia de mau ferro, é emfim, uma espingarda mais perigosa para o atirador do que nociva para o adversario. O cartucho é metalico, fogo central, a polvora grosseira e o projectil de simples chumbo.

N'essa tarde foram mandados 17 bois para o sustento d'aquelles bravos. Bastante gente quiz assistir á matança do gado que foi feita com uma verdadeira selvageria. Uma grande parte da *impi* era composta de *mofanas*, rapazes de 14 a 18 annos. Esses ainda não combateram, costumam-se exercitar no arremeço da azagaia quando apparece gado para abater.

Logo que avistaram a lancha trazendo os bois, toda a garotada se aproximou da praia e antes mesmo de desembarcarem estavam crivados d'azagaiadas. Uma das rezes, levada pelo instincto de conservação metteu-se ao rio, mas toda aquella horda o perseguiu e o animal foi litteralmente lacerado á arma branca, deixando a agua proxima da praia vermelha de sangue.

Mortos os bois, parecia um bando d'abutres esphacelando a presa. Não havia chefes nem subordinados, era um grupo de chacaes fugindo com o melhor bocado que podiam apanhar. Não se imagine que havia limpesa de qualquer especie, musculos, visceras, intestinos, tudo era assado de prompto e ainda mais rapidamente comido.

Um bando de corvos!

Ao outro dia foram transportados para a Catembe os caixotes contendo as armas Albani e para vêr a distribuição foram os governadores, alguns officiaes e muitos curiosos. Apenas os negros viram os caixotes, suppondo que eram as tão desejadas Martini Henry, soltaram grandes urros, pularam, deram vivas, fizeram um alarido enorme. A compressão de gente

era tão intensa. em volta dos caixotes, que os governadores quasi iam sendo asphixiados n'aquelle pouco perfumado amplexo.

Calcule-se agora a decepção quando se começaram a tirar as armas. Fez-se como que um calmo silencio que precede as tempestades, em seguida chamaram-se os *indunas* mais grados e começou a destribuição; ninguem queria acceitar as espingardas. O momento era critico. Um official desembrulhou um masso de cartuchos e disparou dois ou tres tiros, mostrando a rapidez do manejo, o interprete traduzia os grandes elogios feitos ao armamento, mas os pretos estavam cruelmente desapontados. Os *indunas* consultaram-se entre si e a um dado signal receberam as mil armas com todas as manifestações de desagrado e má vontade.

Em quanto durava esta scena, chegou um preto coroado, que logo se disse ser um emissario de Gungunhana. Apenas se dirigiu aos *indunas* do Maputo, formaram logo um circulo, agacharam-se e formaram conselho, que ninguem soube em que consistia, não só porque immediatamente passaram a fallar *vátua*, mas ainda porque era tão espessa a roda, que de forma alguma se podia ouvir o que disseram.

A passagem foi então marcada para a madrugada seguinte, e todos se retiraram na convicção de que no dia immediato os pretos do Maputo estariam do outro lado do rio. Houve muita gente que n'essa noite dormiu pela primeira vez descançada, pensando na cavalheiresca amisade dos maputos, que por simples sympathia para com os portuguezes, ia derramar o seu sangue batendo o Zixaxa e o Mahazuli. Alguns houve que, calculando não mais perder noites junto das barricadas, sentiram nos olhos uma lagrima de ternura pelo procedimento fidalgo do regulo Ingoanazi.

De manhã, uns preparavam-se para ir visitar o acampamento, outros organisavam um pic-nic, outros mandavam sellar os cavallos, uma grande parte lamentava-se de ter que ir a pé a uma tão grande distancia visitar os embryonarios heroes.

Mas oh! surpreza! de repente começa a circular o boato de que na Catembe não se via um unico preto e que o vapor *Neves Ferreira* e as lanchas ali estavam fundeadas ainda, mas... vazias.

Era a verdade, a crudelissima verdade! Os maputos, os que fanfarronicamente disseram que só com a *nonga* destroçariam a Moamba, Zixaxa e Mahazuli, os homens que se equiparavam aos zulus, que se tinham na conta de um poderoso auxilio, a unica esperança de salvação para fazer entrar os rebeldes na obediencia, tinham fugido na madrugada, desertaram cobardemente em frente do inimigo.

Esta fuga, que surprehendeu muitos, não chegou a espantar os mais sensatos.

Disse-se que a causa principal da retirada fôra a destribuição do mau armamento, que lhes não agradou, e alguns terem visto no porão da *Neves Ferreira* um preto a ferros, que, para se vingar da punição que soffria, os convencera que a intenção da auctoridade era embarcal-os nas lanchas para os metterem a bordo dos paquetes que estavam fundeados e transportal-os para Moçambiqne e Angola como recrutas.

Havia na verdade um preto a ferros no *Neves Ferreira* e era possivel ter sido visto pelos maputos, o que é certo, porém, é que não foi essa a principal causa.

Quando o regulo Ingoanazi recebeu a primeira embaixada respondeu immediatamente que sim, ao pedido de mandar gente para bater os regulos revoltados. Viu n'esse rogo, por inspiração sua ou alheia, uma magnifica occasião de burlar o governo, fornecendo á sua gente moderno armamento sem despeza. Julgava-se com o mesmo direito que o regulo Gungunhana a quem se tem entregue material de guerra de todas as especies pelos seus bonitos olhos. Nunca pensou em sacrificar os *seus filhos*, mandando guerrear seus irmãos, defendendo uma causa de interesse commum, apenas para ser agradavel aos brancos.

Esta affirmativa baseia-se nas seguintes razões:

1.ª Quando principiou a rebellião, o Zixaxa, como fino di-

plomata, depois de se assegurar da neutralidade do Gungunhana quiz conhecer das intenções do Ingoanazi, e para tal fim, enviou-lhe uma embaixada communicando o que praticára e os projectos que formava. Este respondeu-lhe mandando dez vaccas e outras tantas libras, o que significa uma especie de alliança feita, pelo que entre elles symbolisa a sua maior riqueza, o gado e o dinheiro.

2.ª O regulo de Maputo conhecia perfeitamente as medidas de defeza tomadas pelos rebeldes, estava ao facto que o effectivo das suas forças era de quinze mil homens e que d'um instante para o outro se poderiam elevar a vinte e cinco mil; por muito orgulhoso que fosse da sua gente havia de comprehender que tres mil homens, como mandou, na sua maioria rapazes, sem um chefe de guerra de nome, se não podiam bater com probabilidades de bom exito. Tanto os que não estavam iniciados no segredo admittiam que se poderiam sujeitar a uma derrota, que perguntavam anciosos a todos qual era o armamento dos rebeldes e se o Gungunhana os defendia.

3.ª Alguns dos maputos, quando se reuniram na povoação do regulo, levavam armas; pois foram obrigados a deixal-as na occasião da marcha a fim de ser maior o numero de portadores das que o governo distribuisse. Cousa que não fariam se a intenção fosse batalhar, porque a maior gloria d'um negro é ter uma arma que nunca larga da mão.

4.ª Devia-se suppôr que Igoanazi não daria a sua gente para uma guerra sem um valiosissimo presente, esta é a praxe, devida á sua indole mercenaria. A abstenção de qualquer exigencia deveria crear suspeitas ácerca dos seus designios, porque é certo, que nem a generosidade, nem o altruismo, nem a boa fé, formam o fundo do caracter do negro.

5.ª Se a *impi* viesse realmente com instrucções de sinceramente auxiliar o governo, as ordens de Ingoanazi seriam severas e nenhum dos homens que a compunham arriscaria a cabeça, devastando tudo o que encontrava pelo caminho,

destroçando os hoteis e cantinas que estavam estabelecidos na praia de Catembe.

Entretanto a marcha da *impi* chegou a causar alguns cuidados não só aos pretos sublevados mas ainda ás auctoridades inglezas da Zululandia e ao proprio Gungunhana, não que se arreceassem d'ella mas porque transtornava os seus planos.

Assim diz-se, que logo que os residentes britannicos souberam que a *impi* se pôz em movimento, mandaram prevenir o regulo Ingoanazi que não consentiriam que ella atravessasse o rio por parte da gente que a compunha ser ingleza.

Do que não resta duvida é da chegada á Catembe do emissario de Gungunhana, trazendo um cathegorico *ultimatum*, em que se declarava ao chefe da *impi* que se hostilisassem os revoltosos o Gungunhana mandaria gente sua em seu auxilio.

O governo ficára n'uma triste situação após a burla do Maputo. Quiz mandar immediatamente para Macassane, a entenderem-se com o regulo, os officiaes que a tinham acompanhado, mas o *Neves Ferreira* tinha os tubos rebentados, ao vapor *Xefina* faltava-lhe a chapa-testa, e teve que se appellar para uma lancha á véla.

Ponteiro o vento sul não os deixou navegar, e quando d'uma vez cahiu um pouco, mal dobrando a Ponta Vermelha soprou rijo de novo, tendo no fim de tres dias que se alugar um rebocador da casa Cohen para levar a lancha até á foz do rio.

Antes de chegar a Macassane, vieram as duas mulheres de Bruheïm, por ordem da rainha Zambia, esperal-os á margem esquerda do rio, participar-lhes que por imposição d'ella e do regulo, não mais queriam na povoação nem Bruheïm nem nenhum dos residentes portuguezes. Era uma quebra de relações diplomaticas, com todas as consequencias, para não dizer uma nova rebellião dos nossos pseudo-vassallos.

Havia tempo, diz-se, que os grandes de Maputo minavam a influencia de Mandevo (Bruheïm) a quem accusavam de os

ter querido entregar á colonia de Natal e ter negociado o protectorado portuguez. Apresentado o ensejo de se desfazerem d'elle aproveitaram-n'o, sem lhe cortar a cabeça, devido ao proximo parentesco da mulher com o regulo.

Bruheïm, major Lobo, tenente Liborio e os dois interpretes voltaram para Lourenço Marques, e Portugal ficou sem representação official n'aquellas terras, fugindo todos os negociantes que ali estavam estabelecidos.

A familia do major Lobo ficara na Boa Vista exposta á selvageria e insultos dos negros desaforados, e a custo obteve este official permissão de a ir buscar, encontrando-a felizmente illesa.

Se a *impi* na ida commettera toda a casta de excessos, no regresso foi um verdadeiro cyclone. Chegados á residencia da Boa Vista pouco tempo depois da retirada da familia do major Lobo, roubaram quanto encontraram, embriagaram-se com o alcool que lá existia, um dos chefes simulou uma audiencia parodiando aquelle official, obrigaram um soldado e um serviçal que ali ficára a repetirem as maiores obscenidades contra os europeus, a fim de resgatarem a vida, e na manhã seguinte, quando viram que estes se evadiram, aproveitando o somno cataleptico d'aquella bebedeira monstro, lançaram fogo a tudo e foram para outro ponto roubar e assassinar a gente que encontravam.

Para nada faltar a este magnifico quadro, affirmava-se que Ingoanazi casaria com uma das filhas do Gungunhana e que para se coroar viria tomar a Catembe, com todo o seu exercito.

Eis a catadupa enorme de desastres que a sollicitação d'aquelle auxilio acarretou, deixando ao governo os mesmos recursos que anteriormente, e mais o enorme desprestigio de tal acontecimento a adduzir ao já grande numero de difficuldades com que a auctoridade se via a braços, sem que houvesse esperança de soccorros, com uma excitação intensa da parte dos estrangeiros e alvo das zombarias das colonias visinhas.

CAPITULO VII

O «raid» da Munhuana

Depois da retirada de Anguane, os pretos rebellados não se moveram nem tentaram nada de hostil contra nós, apesar de todos os receios e precauções tomadas pelo governo.

Alguns portuguezes e estrangeiros prolongaram os seus passeios a cavallo até ao commando militar e encontraram tudo no mesmo pé, como as forças tinham deixado por occasião da retirada. A artilheria estava assestada ao abrigo das trincheiras, as portas continuavam fechadas, o vinho, alcool e munições de bocca intactos, o rancho no caldeiro tal como no dia da partida e em volta do campo não se via alma viva. A meio caminho, a 7 kilometros da cidade, lá continuava a metralhadora abandonada no meio da estrada, sem nenhum estrago, como que á espera que a transportassem.

Quando se soube que a gente do Maputo vinha em caminho, pensou-se logo em reoccupar Anguane, sendo nomeados officiaes europeus para acompanhar a *impi* nas operações.

Os estrangeiros, portuguezes e asiaticos, foram prevenidos de que acautelassem as suas fazendas e casas, quer as que ficavam no Catembe, quer as que estavam situadas nas ter-

ras da corôa, porque os pretos amigos ou inimigos, lançados uns contra os outros, nada respeitam. Assim, os proprietarios dos hoteis Gould e King, a quem os maputos fizeram estragos muito inferiores á indemnisação que pedem, nenhuma rasão tem nas suas exigencias, estando o caso previsto pela legislação.

Os rebeldes, que tomaram as suas precauções militares, na hypothese pouco definida dos maputos os atacarem, respiraram e tiveram immensa alegria quando souberam da sua retirada. Era uma derrota moral para nós e uma enorme victoria politica para elles.

O seu serviço de espionagem era admiravelmente montado, a ponto de que poucas horas depois de se tomar qualquer deliberação, os regulos eram d'ella informados com a mais preciosa certesa. O preto Roberto Mashaba, missionario protestante, natural de Mahota, e que vivia junto do regulo do Zixaxa, não só era um bom conselheiro do mesmo regulo, mas constantemente a caminho da cidade para a povoação e vice-versa, fornecia minuciosos detalhes do que ia acontecendo. Todos os negros *chiconguelas* concorriam para que o que succedia na cidade tivesse entre os sublevados a maior publicidade, finalmente dizia-se que o proprio creado do governador, um tal Fish, natural do Zixaxa, era um dos melhores espiões que estavam espalhados entre os brancos.

Quando o Mahazuli e o Mamatibejana tiveram a certesa de que os maputos os não atacariam e nós estavamos a braços com a mais precaria necessidade de força publica, que o *Neves Ferreira* e o *Xefina* não navegavam, que a corveta *Rainha de Portugal* não sahiria porque desembarcára toda a guarnição valida, e que de Lisboa não havia noticias sobre a remessa de reforços, celebraram um grande conselho.

Como era natural, predominou n'elle a opinião do rompimento de hostilidades e a occasião não podia ser mais propicia. As tibiezas desappareceram, qualquer vestigio de respeito desvaneceu-se e os rebeldes pensaram a serio que era possivel atirar com os portuguezes para o mar.

As lanchas que passavam pelo rio Incomati, na Magaia, continuavam a ser hostilisadas. De Lourenço Marques mandaram mantimentos e correspondencia para o commandante militar do Limpopo, 1.º tenente Bicker; acompanhava os carregadores o mesmo soldado d'Angola que viera do Gungunhana. Quando chegou ás terras do Mahazuli, roubaram os mantimentos, a correspondencia foi rasgada, os carregadores expulsos á paulada e o soldado, que quiz resistir, morto.

Quando as embarcações passavam rio abaixo, os pretos mostravam o barrete á militar do desgraçado soldado e gritavam: «Os *molungos* que o venham aqui buscar».

Na cidade, á deserção dos maputos seguira-se uma especie de marasmo. Os que conheciam os cafres presumiam que algum acontecimento grave se daria breve, os que não sabiam dos seus costumes limitavam-se a guarnecer as barricadas á noite, na hypothese de que os negros só nas trevas atacariam e os indifferentes apenas se lamentavam da paralysação do trafego commercial e da carestia da vida, que augmentava gradualmente.

Assim se passaram alguns dias n'uma tranquilidade relativa, em que não havia informações sobre os rebeldes e em que as precauções affrouxaram um pouco, havendo então só rondas feitas por dois officiaes em cada barricada, desguarnecida de gente, dormindo a população descançada sobre a mais que hypothetica guarda de tão fraca defeza.

A cidade começava a estar um pouco mais socegada, o panico de muitos e a tensão de espirito de quasi todos diminuira bastante.

No dia 4 de outubro, eram nove e meia da manhã, hora do almoço de quasi todos os habitantes, viam-se as pretas e pretos fugirem espavoridos. As mulheres soltavam berros atroadores, os homens gritavam: «*d impini! d impini!*» (a guerra).

Interrogados alguns dos fugitivos, responderam: «senhor, senhor, os *macafulas* já estão no hospital». Todos correram a buscar armas. O terror era enorme nas ruas da cidade, as portas dos estabelecimentos fechavam-se, os cavallos galopa-

vam em todos os sentidos, todos emittiam opiniões, tudo queria mandar e ninguem obedecer, em cima, no quartel da policia, troava o canhão e a cada tiro mais desordenada era a carreira dos que perderam por completo o sangue frio. A cidade parecia um vasto hospital de doidos.

O governador do districto, prevenido do alarme, montou a cavallo e foi saber do que succedera.

Eis o que se deu. Ao norte da cidade, além do cemiterio, fóra da ultima avenida, estende-se uma grande langua, suavemente ondulada, onde existem trez lagôas, sempre cheias d'agua no tempo das chuvas; é ali que vae pastar todo o gado pertencente aos habitantes. N'essa manhã, os negros do Zixaxa, perfeitamente informados de que a tal hora todos almoçavam, que a vigilancia era pouca ou nenhuma, vieram cerca d'uns duzentos, encobertos com o matto, cortaram a frente a uma manada de gado, composta de 25 bois e 8 muares, mataram um dos pastores e tocaram o gado deante de si, levando-o, a salvo de castigo.

Este *raid*, executado com uma audacia e felicidade extraordinaria, feito a menos de cem metros do quartel, teve trez claras significações. Era uma declaração de guerra em fórma, segundo o uso cafreal; mostrou a ousadia dos rebeldes, que se dispozeram a affrontar os projecteis da artilheria e o respeitavel alcance das armas portateis; demonstrava que sabiam que era aquella a hora a que tudo estava a dormir, cançados da noite perdida nas barricadas ou a almoçar tranquilamente, e que com impunidade se podia tentar um ataque arrojado.

O governador Canto e Castro, com alguns policias a cavallo, foram em perseguição dos negros, distanciando-se muito, o que lhe poderia ser fatal; nada viram já senão uma nuvem de poeira ao longe, impossivel de alcançar por melhores cavallos que montassem.

O gado roubado pertencia parte a um empregado suisso da casa Fabre, Riemann, parte aos missionarios suissos, e os muares a um individuo que possuia carretas de transporte.

Este repentino ataque, que devêra ser previsto, alarmou

extraordinariamente a população. Os descrentes que zombavam da attitude hostil do Zixaxa, tiveram que se confessar vencidos perante a evidencia e foram os primeiros a deixarem-se subjugar pelo terror.

Era necessario tomarem-se providencias para se não ser azagaiado em pleno dia, trucidado no meio da rua, esquartejado sem dar por isso. Foi então que o engenheiro Paes de Almeida propoz a construcção dos *block-haus* distribuidos pela frente e flancos da cidade.

O projecto foi approvado pelo governo e immediatamente todo o pessoal technico e operario das Obras Publicas e Caminho de Ferro foram empregados n'esse serviço.

Os *block-haus* consistiam n'uma especie de *coreto* tendo por base um quadrado, ou melhor, uma pyramide quadrangular truncada. Na parte inferior havia um estrado que isolava a guarnição do solo, sendo forrado interiormente de madeira grossa e exteriormente de zinco canulado; a altura conveniente abriram-se tres ou quatro seteiras. A tres metros do solo assentava outro estrado cercado d'um parapeito de madeira, com uma peça de campanha. Quatro pontaletes supportavam uma cupula de zinco.

Emquanto se preparavam os esqueletos d'essas construcções nas officinas, no mesmo dia do *raid*, toda a força da policia e dos batalhões de caçadores 3 e 4 foi distribuida ao longo da avenida Pinheiro Chagas, bem como algumas peças de artilheria.

As noites iam-se passando com mais ou menos tiroteio, mais ou menos precauções na linha de defeza exterior e na cidade baixa, mas nenhum ataque se prenunciava. Os negros rondavam durante a noite, vinham em grupos até á primeira lagôa da planicie, mas, ao serem saudados com um tiro de metralha punham-se a salvo, metralha que em geral os não alcançava, pela grande distancia.

As armações dos *block-haus* iam-se aprompt ando gradualmente e logo em seguida eram collocadas nos pontos designados pelo coronel Araujo. Trabalhava-se activamente

mas a perda das noites impedia que se aproveitasse a mão d'obra até ao meio dia, hora a que os operarios começavam a trabalhar.

CAPITULO VIII

Os block-haus

No dia 8 de setembro, os indigenas da cidade espalharam más noticias.

Affirmavam que a força do Mahazuli sahira da Magaia, fizera juncção com a da Zixaxa e estavam acampadas na praia da Pulana, a 3 kilometros da cidade. Pouco credito se ligou ao boato.

Ás 9 e meia da manhã do dia 9 começava cada um a preparar-se para almoçar, quando a artilheria começou a fazer-se sentir nos *block-haus*. Na cidade repetia-se a mesma scena do dia 4. Os tiros succederam-se sem interrupção durante meia hora e depois tudo socegou.

A audacia dos negros foi mais longe d'esta vez do que da primeira. Se a linha de defesa não estivesse guarnecida e não se lhe atalhasse firmemente com metralha a marcha sobre a cidade tinham entrado n'ella. N'esse dia correu sangue europeu e foram chacinados bastantes indigenas.

Os negros do Mahazuli vieram da Magaia e acamparam na Mahota no domingo. Uma vez lá, dirigiram-se á propriedade do sr. J. Bang, que ali tem uma plantação de canna d'assucar, onde costuma ir passar todos os domingos,

e procuraram-n'o por toda a parte. N'esse dia, porém, não fôra, devido a embriaguez do creado que lhe tratava do cavallo. Os negros, depois de maltratarem o guarda, perdidas as esperanças de encontrarem aquelle cavalheiro, destruiram a plantação.

No dia immediato acamparam na Pulana, e ao amanhecer do dia seguinte assaltaram a propriedade do dr. Sommershild. Aquelle medico tem uma extensa cultura e tres casas de alvenaria, refugiaram-se ali grande numero de mulheres e homens, uns que trabalhavam na plantação, outros que agricultavam as suas terras, nas immediações.

Dormiam todos a somno solto, alheios completamente ao perigo que corriam; de subito apparece aquella legião de demonios, ebrios de sangue e carnificina, rangendo os dentes como possessos, de azagaia em punho, e começam a matar o que encontravam. De nada valiam o pranto das mulheres, os gritos lancinantes das creancinhas, nem as supplicas dos velhos, nem a fraca resistencia dos adultos desarmados; quem era agarrado morria, quer fosse recemnascido, quer velho provecto. N'aquelle massacre morreram 22 pessoas.

Sahindo d'ali, enthusiasmados pela lugubre victoria, recolhendo os intestinos das creanças para barbaros feitiços, delirantes de crueldade, dirigiram-se para o cemiterio, para entrar na cidade. Ao eloquente discurso da metralha, ao amavel cumprimento das lanternetas, resolveram não avançar e conservar-se fóra da zona perigosa dos canhões, escondendo-se no matto.

N'essa manhã, como de costume, um branco, o portuguez Domingos Gonçalves, que outr'ora fôra padeiro e agora amanhava uma horta, no caminho da Mahota, veio á cidade vender as hortaliças, producto do seu trabalho e unico ganha pão presentemente. Fez a venda, e seguiu o caminho em direcção á horta. Quando passou pela linha de defesa, disseram-lhe as vedetas que não era prudente sahir, porque tinham visto negros ao fundo da langua e ouvido tiros do lado da Pulana. Respondeu que os pretos lhe não fariam mal

e proseguiu no trilho, montado no burro, e despreoccupado do futuro.

Um quarto d'hora depois começava o canhoneio, os negros, repellidos pelo fogo, encontraram-n'o, lançaram-n'o a baixo do burro, crivaram-n'o de azagaiadas, tiraram-lhe as botas, o fato, e collocaram-lhe o dinheiro que trazia em cima da cabeça.

Quando alguns dos cypaes da administração ali chegaram, depois do fogo, já o cadaver começava a esfriar. Este homem, na vespera, fôra apanhado, amarrado e conduzido á presença do *induna* da Zixaxa, Mapatacanhana. Reunido o conselho para deliberar se o deviam ou não matar, prevaleceu um resto de humanidade entre aquelles selvagens e depois de o porem nú, soltaram-n'o, dizendo-lhe que se tornasse a ser apanhado fóra da linha seria irremediavelmente morto.

Cumpriram a sua promessa, não os que primitivamente o aprisionaram, mas os cannibaes do Mahazuli.

Este ataque, o massacre feito na Pulana e o assassinato do infeliz Domingos Gonçalves causaram um forte abalo no espirito da população.

Foi dado o maior incremento á construcção dos *block-haus*, começaram-se a cortar arvores e o immenso matto que existia em volta da cidade, estendeu-se uma vedação de arame com bicos em toda a extensão da linha, com duas aberturas, illuminadas de noite com lanternas, para dar ingresso ás patrulhas a cavallo que estavam espalhadas ao longo da planicie.

N'essa manhã foi nomeado o coronel Araujo encarregado da defesa, começando então as medidas militares a tomarem um caminho mais regular, pois durante o tiroteio algumas das boccas de fogo, por imprevidencia do cabo fiel de artilheria, estiveram fazendo tiros de bala com cartuchos de salva.

Ao meio dia, recebeu o governador telegrammas da Europa em que se lhe participava a remessa de tropas euro-

peias, que só chegaram a sahir de Lisboa, no vapor *Cazengo*, no dia 15. A auctoridade deu a maior publicidade a esta communicação telegraphica, o que veio trazer uma certa esperança ao desalentado animo d'uma grande parte dos habitantes, que julgavam que Portugal se esquecera da sua colonia.

Era crença geral que o ataque se repetiria quando a escuridão protegesse os rebeldes. Effectivamente, por differentes vezes appareceram grupos, que apenas avistados e recebidos a tiro se retiravam para fóra do alcance das balas. N'essa noite a cidade parecia nma vasta necrópole, ninguem nas ruas, todos os estabelecimentos fechados, tudo silencioso, apenas de tempos a tempos os brados das sentinellas. O panico foi tal que os empregados do telegrapho abandonaram a estação de Maxaquene e vieram entregar as chaves ao governador, que as não acceitou.

Era tamanha a escuridão que um tenente da policia mandou fazer fogo sobre a força de marinheiros, devendo-se ao sangue frio do 2.° tenente Sepulveda não ter havido um lamentavel desastre.

Ao mesmo tempo que estes acontecimentos tinham logar, um tal Longdon vinha de Johannesburg acompanhado d'uma *bar maiden* e preparava-se para ir ao Gungunhana pagar o tributo annual, cerca de mil libras, devido ao contracto que a British South African Company celebrara com aquelle potentado. Alguns dos seus amigos aconselharam-lhe que não fosse, pois poderia ser assassinado pelos indigenas revoltados, conselho a que respondia, sorrindo com zombaria e respondendo fleugmaticamente que nada receiava.

Foi, atravessou sem difficuldade pelo territorio das tribus que estavam em armas e revoltadas, passou o rio Incomati, chegou illeso ás terras do Gungunhana, entregou o dinheiro que todos os indigenas sabiam que levava, teve com elle uma demorada conferencia, que ficou secreta, e regressou a L. Marques acompanhado por um induna do Gungunhana, como um salvo conducto.

Tudo isto vae sem commentarios!

Gungunhana é vassallo de Portugal, ha um tratado celebrado com elle em que se especifica que não póde fazer contracto com nenhum outro paiz, temos alli um residente, entregamos-lhe avultados e quantiosos presentes, e o agente d'uma companhia estrangeira, como se fosse a consa mais natural do mundo, vae pagar-lhe a annuidade d'um contracto que não podia acceitar. O potentado nosso vassallo dá-lhe para o acompanhar um dos seus grandes, que o protegesse dos rebeldes ao governo portuguez mas obedientes a esse potentado, o agente entra na cidade triumphante e sereno, fazendo tranquillamente uma travessia que nenhum portuguez poderia fazer.

A *bar-maiden* que o acompanhara a L. Marques, uma tal Liley Martini, tinha por norma embriagar-se todas as noites. Dava-se a coincidencia notavel de tal facto succeder nas vesperas de qualquer hostilisação da parte dos negros. A embriaguez chegava quasi á epilepsia e durante essa crise de verdadeira loucura gritava que o seu amante, Longdon, fôra ao Gungunhana levar instrucções, que os negros atacariam breve a cidade e que quando viesse Cecil Rhodes então veriam o que elle podia.

Para se fazer idéa da força nervosa que esta mulher desenvolvia n'estas excitações, basta contar o seguinte: Uma noite bateu á porta do *bar* onde trabalhava, quando a proprietaria lhe abriu o portal deu-lhe um murro que a prostrou no chão, arrastou-a pelos cabellos até á rua; vindo em seu soccorro um medico de Gôa, dois tremendos bofetões fizeram-lhe espirrar o sangue pelo nariz; accudindo um dos officiaes de ronda, agarrou-lhe por uma perna e lançou-o do cavallo a baixo; mettida entre quatro marinheiros deu-lhes immenso trabalho a conduzir; ao ser entregue á guarda da policia, com um pontapé lançou o cabo ao chão, e mettida na cadeia, quebrou tudo quanto era susceptivel d'isso.

Varios vapores que entravam na bahia, por um acaso pouco vulgar e que até então raras vezes acontecia, fundea-

vam proximo da ilha Xefina. Como nenhum dos nossos navios de guerra podia navegar, era a tarefa mais simples do mundo largar um escaler de bordo, atracar á ilha que pertencia aos rebeldes e lá deixar quantas armas e munições quizessem desembarcar. Só no fim do quinto vapor fazer esta innocente paragem é que um escaler a remos da corveta foi rondar em volta d'elle.

Na tarde do dia 9 chegou um paquete da Companhia Union trazendo a seu bordo Sir Cecil Rhodes, que embarcara na Beira, de regresso da sua viagem pela terra dos Matabeles e Machona. Teve varios convites de estrangeiros para se hospedar em terra, mas conservou-se no vapor até á manhã seguinte que tomou comboio para Pretoria.

A população estava impressionada com as scenas da manhã, e lá de longe a longe ainda se ouvia um ou outro tiro. Levado pelo seu philantropico espirito altruista, escreveu ao governador geral offerecendo os seus bons officios e influencia junto de Gungunhana para que intimasse Mahazuli e Mamatibejana a terminarem a revolta.

E' curioso mas é verdade!

Os pretos do Zixaxa, que até á retirada dos maputos respeitaram a casa do commando militar de Anguane, invadiram-n'a logo que ella se soube. Havia ali com que os satisfazer. As peças não estavam encravadas mas de nada lhes serviam por não conhecerem o manejo e pelo respeito involuntario que inspiram; desenterraram sessenta espingardas Snider; tiraram do pantano o cartuchame de artilheria que estava avariado e os cunhetes das Sniders, que sendo protegidos por um involucro de folha conservaram os cartuchos intactos; não tocaram nem no vinho nem no alcool, em nenhuma munição de bôcca por as supporem envenenadas; arrombaram as portas, tiraram de dentro das casas o que lá tinha ficado e o regulo Mamatibejana passou a fardar-se de official de cacadores, o fardamento do tenente coronel Noguira; de espada ao lado, descalço, com a farta carapinha mettida n'um barrete á militar assistia ás *tindavas* e decidia dos *mi-*

landos. Desde então Anguane passou a ser o quartel general dos revoltosos.

No meio de tudo isto dava-se um facto curioso, as mulheres dos revoltosos vinham abrigar-se para a cidade e constituiam os seus melhores informadores. Já se sabia, em havendo uma grande procissão de pretas de esteiras á cabeça, filhos ás costas e *capulanas* nos braços, n'esse dia era certo os rebeldes apparecerem em volta da cidade.

A auctoridade chegou a pensar em não deixar sahir nem entrar dentro da linha dos *block-haus* ninguem, e consequentemente foram dadas ordens n'esse sentido, nunca porém, se poude tornar effectiva a determinação. Não deixar entrar mulheres e creanças, que se não conheciam se eram de gente amiga ou inimiga depois do massacre da Pulana, constituia uma verdadeira barbaridade, não as deixar sahir era completamente impossivel pela distancia entre os *block-haus*, pelas travessias constantes dos *gatuns* para a Catembe e pela disposição da cidade.

Na administração do concelho deram se cerca de dois mil *passes* impressos em que se inscrevia o nome do indigena e o do seu fiador, por differentes causas, pouco tempo depois, bastantes d'esses *passes* paravam nas mãos dos revoltosos, que a seu salvo podiam entrar isoladamente na cidade.

Os marinheiros inglezes retiraram do consulado mas todas as noites desembarcavam dois signaleiros, que telegraphavam para o navio por meio de luzes. Defronte do edificio, fôra posto á cunha um alteroso mastro, onde diariamente se içava o *jack* nacional e onde constantemente fluctuavam signaes que eram correspondidos pela *Trush*.

Dizia-se que a pessoa mais bem informada a proposito das intenções e movimentos dos cafres era o consul. Algumas vezes foi elle quem preveniu a auctoridade do que aconteceria mais tarde.

CAPITULO IX

O ataque do dia 14 de Outubro de 1894

Nomeado o tenente coronel de artilheria, Araujo, encarregado da defeza da cidade no dia 9, melhoraram-se as fortificações e no dia 12 ou 13 podiam-se considerar concluidas os *block-haus*, offerecendo então a cidade uma resistencia mais seria.

A linha exterior de defeza partia do lado NW do Matadouro até ao *blcck-haus*, que ficava em frente da cavallariça do quartel da policia, d'ahi corria approximadamente em angulo recto pela avenida Pinheiro Chagas até ao alto do Maxaquene, e de lá descrevendo quasi outro angulo egual até á praia, pela parte interior das ravinas que as dunas formam.

Algumas casas da cidade e todas as da Ponta Vermelha incluindo a estação do telegrapho sabmarino, ficaram fóra da linha por serem defficientissimos os elementos de que se dispunha.

As fortificações constavam de 12 *block-haus* dispostos da seguinte forma. Um no pantano, perto da linha ferrea, guarnecido á noite por seis marinheiros e quatro cipaes, commandado por um sargento e artilhado com uma metralhadora Nordenfelt.

Outro no sopé da collina onde assenta o quartel era oc-

cupado por quatro marinheiros e um cabo. Este não tinha senão o forro de zinco exterior, sem estrado e era defendido por uma pequena peça montada n'um reparo de marinha, sem rodas, que a cada tiro saltava fóra das munhoneiras.

No alto do quartel, commandando a antiga estrada do Transwaal e a baixa do Mahé, outro, com uma peça de 8cm. Ao norte, commandando o caminho do Zixaxa, outro, com um canhão rewolver. Na intersecção da Avenida Tito de Carvalho com a de Pinheiro Chagas, outro, com uma peça de campanha de 8cm. Estes tres *block-haus* eram guarnecidos e commandados por officiaes e soldados do corpo policial.

Entre o lado NW do cemiterio e a casa do portuguez Domingos havia outro com egual armamento. No topo da Avenida Central, dominando toda a baixa da Munhuana levantava-se outro, o maior de todos, com a mesma artilheria. No alto do Maxaquene outro, na avenida Francisco Costa outro, defronte da casa do consul inglez outro e quasi em frente da estrada da P. Vermelha, em cima das dunas outro, todos do mesmo tamanho e armados com uma peça de 8.cm Estes ultimos eram guarnecidos e commandados por praças e officiaes dos batalhões de caçadores n.º 1, 2, 3 e 4 da guarnição da provincia.

Na praia havia outro, armado com uma metralhadora Nordenfelt, sem revestimento interior e alagado pela maré cheia. Era guarnecido por seis marinheiros commandados por um sargento. Havia mais uma peça de 8.cm a enfiar o caminho da praia, que estava isolada e sempre carregada, havendo ordem para só fazer um tiro, sendo-lhe dado fogo por uma das praças do *block-haus*.

A cidade baixa continuava a conservar as barricadas levantadas no topo das ruas.

No kilometro 3 estava de noite uma machina e um *fourgon* com gente armada para vigiar a linha. Depois do ataque do dia 9, corria desde o Matadouro até á praia, pela linha da avenida D. Carlos, uma machina com um wagon de

plataforma, armado com uma metralhadora Nordenfelt guarnecida por marinheiros.

Era um dos melhores meios de defeza, não só pelo pavor que inspira quer a brancos quer a pretos uma locomotiva caminhando sobre elles, mas porque era uma sentinella vigilante policiando o pantano e frente das avenidas, e ainda porque rapidamente acudiria ao local onde se manifestasse o perigo.

Apezar de todos os esforços, os flancos estavam fracamente defendidos. O esquerdo apenas tinha dois *block-haus* com denso matto em volta, podiam ser facilmente contornados sem o seu fogo o poder impedir. O direito apenas tinha o *block-haus* da praia e o canhão de que já fallámos, podendo os negros virem a salvo por entre as ravinas e apparecer quasi de subito ao pé d'elle, o que quer dizer que estavam no coração da cidade.

Alguns habitantes, quasi todos os funccionarios e todos os militares, fôsse qual fôsse a graduação e cargo, passavam as noites como de costume, em claro, d'arma ao hombro, encostados á barricada.

De dia preparavam-se sempre *pavorosas* para a noite; umas vezes eram boatos que os pretos espalhavam na cidade, outras, noticias que os chefes das estações do caminho de ferro transmittiam para a direcção, outras, novidades que o medo d'alguns fazia surgir no horisonte, outras ainda, alguns engraçados que dormiam tranquillamente e que de manhã se entretinham a propalar patranhas, que redundavam em desnecessarias precauções.

O coronel Araujo, acompanhado do seu ajudante, alferes Brito, permanecia na linha exterior desde a meia noite até á madrugada. Durante a noite atiravam-se foguetes á Congrève, uns de metralha outros illuminantes, causando grande espanto entre os negros. Aquelle official poz cobro ao uso de se fazer fogo d'artilheria pela mais pequena causa, tornando os officiaes que commandavam os postos, responsaveis pelos tiros que fôssem disparados sem razão plausivel. Com esta sensata medida o canhoneio foi diminuindo gradualmente.

Nos *block-haus* havia uma ronda superior que era feita alternadamente pelo tenente coronel Nogueira e major Lobo, acompanhados d'um subalterno. Nas barricadas acompanhava a sua guarnição até á madrugada o capitão de fragata Moraes e Sousa, e as rondas eram feitas pelo governador geral e do districto.

Assim se passaram noites e dias com mais ou menos *pavorosas* até 13. N'essa tarde começaram a circular boatos terroristas; á auctoridade já ninguem fazia communicações que em geral eram mal recebidas, devido ás invenções anteriores, no emtanto alguma cousa de extraordinario se preparava.

No dia 14 era domingo. A's 9 ½ da manhã, parte dos habitantes conservavam-se na cama a recuperar o somno que perderam durante a noite, a maioria almoçava tranquillamente em casa ou nos hoteis, os kiosques da praça 7 de Março regorgitavam de consummidores, os devotos íam á missa, os soldados dirigiam-se a varios pontos para receber o rancho, os marinheiros descansavam no quartel da policia, emfim, toda a gente, civis e militares, estava descuidada e sem receios de qualquer especie.

De repente, as duas locomotivas que tinham ido á toma d'agua encher os tanques, fazem contravapor e correm para a estação dando prolongados e agudos silvos, silvos que continuaram durante muito tempo.

As pessoas que estavam espalhadas na cidade começam a correr vertiginosamente para o interior das barricadas; o gado salta por cima do que encontra e é tocado para dentro das ruas e quintaes; os serviçaes, armados de espingardas de que não fazem uso, vão d'um para o outro lado, como quem procura um esconderijo; os brancos d'uma certa classe, levados pela mesma onda, sem saberem para onde se dirigem, correm do pantano para a praça, uns quasi nús, outros com lenços em volta da cintura, outros d'olhos esgazeados, como doidos; as pretas, largando as *capulanas*, apparecem em trajes paradisiacos, dominadas apenas pelo instincto de conservação,

abandonam os filhos, encontram-se, chocam-se, atropellam-se, cahem, formando um montão desordenado, d'onde sahem gritos affiictivos e lancinantes; os mouros e baneanes, tremulos e convulsos como n'um intenso ataque de febre, de balde procuram fechar as portas, os olhos não atinam com as trancas, as mãos, sem acção muscular, não podem dar volta ás chaves, os rostos apresentam todas as graduações do arco iris; alguns dos estrangeiros que ainda na vespera criticavam da defeza e ostentavam indomita coragem, apparecem mais brancos que os casacos que vestem e perguntam com extrema angustia: «*Os marinheiros?... Onde estão os marinheiros?... Então a cidade baixa não tem força regular?... Vamos todos ser aqui mortos!...*»

A avenida da ponte e a ponte apinha-se de gente de todas as classes e côres, fretando por preços fabulosos as embarcações que os levem a bordo de qualquer navio; o gerente de um dos bancos, de bigodes erriçados, cabellos em pé, luneta a deslisar pelo nariz, com o terror estampado nas feições, mette-se a bordo da corveta, largando por mão os cofres da agencia.

Bravos, de critica aceradissima na paz, atiram comsigo á agua, vestidos e armados; alguns europeus levam para a avenida Aguiar as duas metralhadoras Maximm; os officiaes correm para as barricadas que lhe estão designadas e preparam a defeza o melhor que podem, e, ao longe, no pantano, dentro da linha exterior, vêem-se os negros, d'azagaias e rodellas, avançando sempre.

Tinhamos o inimigo dentro da cidade.

O destacamento de marinheiros corre, por ordem superior, do quartel da policia a guarnecer o posto que tinha a cargo defender; todas as praças que se podem apurar a bordo da *Rainha de Portugal*, taes como fogueiros, impedidos, convalescentes, etc., veem logo para terra; o governador geral monta a cavallo e vae sósinho para o quartel; pouco a pouco chegam-se para as barricadas alguns dos habitantes que, passado o primeiro panico, se envergonham de ficar ao pé do

rio e tomam posição onde o dever, a dignidade e a propria segurança lhes aconselha estar.

As honras do dia pertenciam ao corpo policial.

Vejamos o que se passára. Mamatibejana, regulo do Zixaxa, o mais energico e bellicoso dos revoltados, combinára com Mahazuli, regulo de Magaia e Amgundjuana, regulo da Moamba, atacar a cidade antes de chegarem os reforços da Europa, com as forças dos tres regulos reunidas e por tres pontos differentes.

Mahazuli atacaria o nosso flanco direito e centro pela Munhuana, Maxaquene e Ponta Vermelha, a gente do Mamatibejana e Amgumdjuana atacaria pelo L'hanguene, estrada do Transwaal e baixa do Mahé.

Pela manhã, ás 9 horas, um ex-soldado de cavallaria do corpo policial, dirigia-se, a cavallo, para o Infulene, onde tem uma cantina. Quando ia proximo da missão de S. José viu surgir pretos armados de todos os lados, e ao fundo do caniçal uma enorme massa d'elles. Fez immediatamente meia volta e largou-se á carga; debalde os pretos lhe quizeram cortar a frente e lhe arremessaram um chuveiro d'azagaias, depois d'um galope desenfreado conseguiu chegar ao primeiro *block-haus* e dar alarme.

Apenas ali estavam dois soldados da policia. Em vez de se intimidarem, correram á peça e começaram o fogo. Ao primeiro tiro, um d'estes soldados, apanhado n'um pé pelo recuo da peça, não poude mais servir; o outro, cujo numero e nome temos pena de não saber, sem pensar no perigo que corria, carregou e fez fogo duas vezes sem chefe. As duas primeiras granadas rebentaram no ar, mas a terceira attingiu o alvo.

Em quanto este soldado fazia frente, só, ao avultado numero de inimigos que atacavam os *block-haus*, o resto do corpo policial, atirando com o almoço para o lado, correu immediatamente ao fogo. Os dois *block-haus*, sob o commando do capitão Aguiar, começaram um aturado tiroteio de artilheria, explodindo todas as granadas no meio dos negros, pontarias que eram feitas pelo mesmo capitão.

Por este tempo o resto da policia formada em linha, sob o commando do alferes Custodio Silva abria o fogo por secções, cujas descargas pela sua rapidez e precisão pareciam d'uma força em parada e faziam honra a qualquer infanteria aguerrida.

O alcance da Kropatschek, o sangue frio dos officiaes, a valentia dos soldados, o numero importante de baixas que os negros tiveram depois d'uma hora de fogo, fizeram com que estes se retirassem precipitadamente deixando boa porção de mortos no campo.

Em baixo no pantano, o *block-haus* que fica na base do quartel foi mandado guarnecer por praças de marinhagem quando os rebeldes já estavam perto d'elle. Com um *élan* magnifico, aquella boa e brava gente correu a passo de carga a occupar a fortificação, abrindo logo fogo pela rectaguarda dos negros que tinham avançado até á Fabrica d'alcool, que vendo-se fusilados pelas costas depressa se metteram pelo matto e desappareceram.

Felizmente para nós, o Mahazuli e a sua *impi*, por medo ou por qualquer outra rasão, não pronunciou o ataque sobre o centro e flanco direito como combinára com os seus cumplices. Se o ataque fôsse simultaneo é natural que a linha exterior fôsse rôta e os marinheiros, unica força regular na cidade baixa, teriam a supportar o rude choque de seis ou sete mil negros e apesar das Kropatschek, Maximms e muita coragem, era bem possivel não poderem resistir, dando-se então uma horrivel hecatombe talvez sem precedentes em toda a Africa.

Os rebeldes antes de serem presentidos e recebidos com metralha fizeram numerosas victimas. Um colono, Januario d'Azevedo, que possuia uma horta na baixa de Mahé e que durante a noite estivera na cidade, foi pela manhã, acompanhado da mulher e d'uma filha de dose annos, todos europeus, buscar hortaliças para vender. Mal chegara a casa quando se viu cercado de negros brandindo azagaias, sedentos de carnagem e roubo. Completamente desnorteado, agarrou

na filha ao collo e fugiu abandonando a mulher. A desgraçada cercada immediatamente por um bando enorme d aquelles selvagens foi arrastada para longe e não mais a tornou a vêr, outro grupo correu em sua perseguição.

Chegado á linha ferrea, conta elle, passava uma das machinas com grande velocidade dando o signal de alarme, o machinista não quiz parar para o receber, então largou a filha com que já não podia e foi n'uma carreira vertiginosa até á cidade. A desgraçada creança, mal cahira no chão, fôra lacerada por dezenas d'azagaias que lhe produziram a morte instantanea. Este pae tinha comsigo uma Snider carregada e bastantes cartuchos.

Todas as pretas que andavam colimando nas cercanias foram mortas bem como alguns macúas que ali estavam de serviço e que se deixaram surprehender.

Os rebeldes arrombaram a capella de S. José do L'hanguene, a oitocentos metros do quartel, despedaçaram o altar, mutilaram os santos, derrubaram os crucifixos e teriam queimado a capella se não fossem repellidos. Mais tarde os *indunas* e regulo da Moamba andavam nas povoações de sobrepelizes, murças, estolas e cazulas; imagine-se o effeito caricato que produziria um negralhão com vestes sacerdotaes.

Logo que o inimigo começou a recuar, foram em sua perseguição todos os macúas que haviam na cidade pretendendo vingar a morte dos seus patricios, bem como o governador Canto e Castro, alguns officiaes, habitantes a cavallo e soldados de cavallaria.

Um indigena de Inhambane, chamado Zinca apanhou um dos rebeldes, tirou-lhe o capacete de pennas e as botas. Ja no ataque do dia 9 fizera prisioneiro um negro de Zixaxa que entregara ao governo.

O cadaver da infeliz creança foi transportado para a cidade e enterrado; durante toda a semana encontraram-se cadaveres, uns despedaçados pelos estilhaços das granadas, outros atravessados pelas balas das Kropatschek e alguns azagaiados pelos atacantes.

Foram achados assim mais de quarenta cadaveres.

É sabido que os negros só em ultimo caso abandonam os seus mortos ou feridos; não exageraremos por tanto calculando as baixas dos rebeldes n'esse combate em cem homens.

Um macúa que não poude fugir e se metteu no lodo, conta que viu passar mais de sessenta feridos ás costas dos que retiravam e que conversavam *que os actuaes canhões não eram como os antigos, pois n'outro tempo davam só um tiro e agora disparavam quando a bala sahia e repetiam a explosão no meio d'elles.*

Foram os *bloch-haus* e a policia que salvaram a cidade. Na antevespera, um grupo numeroso de rebeldes vieram até ao seu antigo cemiterio situado na encosta do bairro indigena, e fizeram ali a cerimonia do boi que consiste em soltar um destes animaes e ver a direcção que elle toma. Duas vezes fugiu em direcção contraria á cidade e depois de morto tambem o *feitiço*, foi negativo. Isto concorreu de certa forma para a pouca persistencia nos ataques, dizendo os cafres, em extremo supersticiosos, que Deus protegia os portuguezes.

Fizeram-se bastantes prisioneiros; uns, realmente, pertenciam ao inimigo, outros, eram apanhados um pouco á tôa; os mais perigosos eram mandados para bordo, os de menor importancia recolhidos na cadeia, sendo obrigados a trabalhar nas fortificações durante o dia.

A politica misturara-se um pouco nos acontecimentos. O gerente d'uma casa estrangeira convocára, no dia 9, para uma reunião em sua casa, os portuguezes e estrangeiros que quizessem assentar na forma de conseguir que o elemento civil, sem exclusão de nacionalidades, concorresse para a defeza commum. Desvirtuada a intenção, proferiram-se longas catalinarias contra as auctoridades, terminando por proporem que se enviasse um telegramma ao governo da metropole, pedindo a demissão dos dois governadores e a sua substituição ou pelo tenente coronel Araujo ou pelo capitão de fragata Moraes e Sousa. Este procedimento, pouco patriotico

n'aquelle momento, causou desagradavel impressão na opinião publica.

As auctoridades, attendendo á morosidade na chegada dos reforços de Lisboa e Loanda pensaram em fazer um recrutamento de voluntarios entre os *boers*, um corpo de mercenarios sem nacionalidade definida, que mediante um salario estipulado, montados, e armados á sua custa, viessem bater os negros. O governo chegou a pedir ao consul do Transwaal que se informasse ácêrca do assumpto, vindo a Lourenço Marques o coronel Ferreira e outro official d'aquella republica, habituados a esta especie de alistamentos para tratar do contracto. Pedida auctorisação ao governo, foi esta e com muito acerto politico, negada, e nunca mais a auctoridade pensou n'isso.

A Associação Commercial que continha no seu seio muitos membros que ao principio queriam a guerra a todo o transe, mas que viam agora o commercio paralysado e não tinham ou a paciencia ou o patriotismo necessario para esperar pelos reforços, celebrou uma sessão em que se concordou pedir para o reino que fosse posta em execução o projecto de organisar o corpo de mercenarios e n'esse sentido expediu teiegrammas. A essa sessão poucos portugueses assistiram.

N'essa mesma noite celebrou-se uma outra reunião no Atheneu Commercio e Industria pedindo exactamente o contrario e tambem telegraphou para o Ministerio da Marinha n'essa conformidade.

CAPITULO X

Os assassinatos da ilha Xefina

Na manhã de segunda feira 15 de Outubro houve um falso alarme disendo-se que os negros do Makazuli vinham atacar o Maxaquene. Era mais uma pavorosa! Todos correram aos seus postos e ás 3 horas não havendo signal de inimigo foram mandadas desguarnecer as barricadas.

Deu-se n'essa manhã um incidente que poderia ter sido fatal, um marinheiro que estava explicando o manejo da metralhadora Maximm, ignorando que estava preparada para dar fogo carregou no percutor disparando-se dois tiros que foram matar o cavallo em que montava o tenente coronel Nogueira.

Provara-se á evidencia no ataque do dia 14 que o unico nucleo de resistencia séria que havia na cidade baixa era a força de marinheiros, o resto apesar de toda a sua bôa vontade e da coragem individual de quasi todos, não tinha cohesão e seria destroçado ao primeiro impulso vigoroso. Sobre o commandante da corveta *Rainha de Portugal* pesava a enorme responsabilidade de velar pela segurança da sua tripulação quasi toda desembarcada e n'esta convicção nunca a desamparou, quer de dia comparecendo junto d'ella logo que havia alarme, quer de noite não dormindo a vigiar o serviço de que estava encarregada.

Assim o ambito que havia a guarnecer era enorme e o effectivo dos marinheiros só chegava para guarnecer uma barricada, de fórma que se os outros postos fossem tomados de investida a guarnição da corveta seria envolvida e nem um só escaparia por heroica que fosse a defeza. Esmagado por este raciocinio propôz, e foi acceite pelo governador geral, que se fizessem novas barricadas na Praça 7 de Março, a cobrir a entrada das ruas.

Em cada uma foi collocada uma peça de 8cm da bateria que servia para salvas, uma de 12.cm e duas metralhadoras Maximm ficando esta praça reduzida a uma especie de reducto interior, com cerca de seis mil metros quadrados de superficie, guarnecido pelas forças de marinhagem e ao alcance de voz do seu commandante.

Com este novo plano ficaram barricadas sobrepostas umas ás outras, e para se não annullarem por completo as exteriores nem se fusilarem pelas costas os seus defensores, imaginaram um systema de signaes por meio de luzes. Quem defendia a barricada exterior da rua Araujo era o pessoal do caminho de ferro; ali havia uma lanterna encarnada que se conservaria sempre accesa.

Ao avistar-se o inimigo deviam disparar-lhe um tiro de peça e em seguida retirar pela travessa de S. Pedro, que lhes ficava á direita, e sempre de lanterna accesa seguirem pela Avenida 18 de Maio até chegarem á Alfandega, que defenderiam. Da barricada da Praça 7 de Março, que enfiava esta rua, logo que não vissem luz encarnada principiariam o fogo.

Na rua de D. Luiz acontecia o mesmo e com identico signal, com a differença que a gente que ali estava se recolheria na casa do Atheneu Commercio e Industria e ali se aguentaria, o que não era difficil, por ser primeiro andar e em muito boas condições para uma defeza desesperada. As travessas que vão da avenida D. Carlos á rua das Gaveas e D. Luiz, foram todas tapadas com zinco e madeira, a impedir que os atacantes podessem correr por ellas e apparecer

de subito e muito perto das barricadas, o que neutralisaria o effeito da artilheria.

As forças que estavam divididas pelos *block haus* aguentar-se-hiam emquanto possivel dentro d'elles, e em caso de retirada desceriam pela Avenida Central, defendendo se *à outrance* até que ganhassem a praça 7 de Março, se podessem.

A população que vivia na cidade baixa fóra d'aquella praça fóra prevenida por meio d'um aviso, redigido em portuguez e inglez, que ao tiro de alarme se deveria reunir dentro da praça e deixar as ruas livres para metralhar.

Este plano tinha inconvenientes graves, entre os quaes avultavam, o perigo de se fusilarem amigos e inimigos sem distincção, o perder-se o effeito do combate nas ruas, em que cada casa poderia ser uma fortaleza, e o dos pretos estabelecer atiradores nas janellas das moradias abandonadas, nas empenas dos telhados e em todos os pontos culminantes, fusilando qnasi impunemente as guarnições das peças e os defensores das barricadas.

Muitos denominaram este plano de... exclusivista, mas o que é verdade, é que a dura e brutal necessidade o aconselhava, pela escassez dos meios e pela enorme falta de gente disciplinada.

Felizmente para todos, nem as vantagens nem os inconvenientes se fizeram sentir.

De noite, toda a gente que habitava na cidade alta se recolhia ás barricadas, os navios surtos no porto eram invadidos por mulheres de todas as classes, a corveta enchia-se d'uma guarnição feminina, e para não succeder o mesmo com os másculos, especialmente com mouros e baneanes, foi necessario pôr guardas nas pontes, que obstassem ao embarque.

Os chefes das differentes repartições publicas, todas as noites, ás 8 horas, iam receber ordens do tenente coronel Araujo, para a distribuição do seu pessoal. Ao principio, abonava-se a cada operario o salario em dobro, depois fez-se

um alistamento pagando a cada voluntario 800 réis por noite e por ultimo o serviço era feito quasi todo pelos empregados publicos, que nenhuma retribuição recebiam.

No dia 15 de outubro, em seguida ao alarme, uns dez ou doze rapazes, entre elles Benjamim Cohen, Marianno Machado, Mongiardini, Riemann e alguns outros cujos nomes nos não recordam, fizeram um reconhecimento a cavallo até casa do dr. Sommershield, na Pulana, não encontrando vestigios de negros.

Dois dias depois, já então maior numero, com alguns soldados de cavallaria, commandados pelo tenente coronel Araujo, foram até ao L'hanguene e regressaram pelo Munhana com egual resultado. Alguns dias passados, pensou-se em fazer um reconhecimento em força; reuniram-se cerca de 40 cavalleiros, entre portuguezes, estrangeiros e soldados, acompanhados por 100 macúas, armados de Sniders.

A sete kilometros da cidade, sobre a estrada de Anguane, encontraram um grupo de cem pretos armados; apenas viram os europeus retiraram, indo tomar posição a quinhentos metros, n'umas collinas. A estrada, desde esse ponto até lá, é orlada de matto d'um e d'outro lado, os macúas mandados em exploração vieram dizer que estava gente emboscada e recusaram-se a acompanhar os cavalleiros.

As opiniões dividiram-se: uns queriam avançar, outros pediam que se fizessem descargas sobre os negros que estavam á vista, por fim prevaleceu a opinião do tenente coronel Araujo, que mandou retirar a passo, sem nenhum signal de medo ou de fuga.

Dias antes do ataque do dia 14, escasseava gente para o trabalho e os capatazes e chefes de estação do caminho de ferro preveniram que os pretos se concentravam, dias depois voltaram ao trabalho, com modos contrictos, negando sempre que tivessem feito parte dos atacantes, desculpando a sua ausencia pelo medo.

Na cidade começou a correr o boato de que a mulher de Januario d'Azevedo, que se suppunha morta, estava viva e

em poder do regulo da Moamba, que a desejava entregar. O capataz geral Nicholas, um austriaco, incumbiu-se de saber o que havia de verdade a tal respeito, mandou por trabalhadores do partido perguntar ao regulo se a noticia era certa e effectivamente a mulher foi mandada de *machila*, por ordem de Amgundjuana, á estação do Pissene.

A mulher contava que, feita prisioneira por gente da Moamba, fôra levada á presença do regulo, que a tratou bem, lhe deu uma palhota, agua, sabão e *capulanas* para se vestir, emquanto lavava a roupa, e que no dia da partida lhe fizera presente d'um gallo.

Quando chegou, ainda não sabia da morte da filha, e apparentava uma abstracção tal por tudo que se lhe dizia ou perguntava, que não era difficil perceber que dentro d'aquelle cerebro se tinham dado violentos choques moraes. O povo da Moamba dizia que o regulo estava muito penalisado por ter sido azagaiada a creança, mas que os culpados d'esse assassinato eram os *mofanas* do Zixaxa.

No dia 22 de outubro participaram os chefes de estação que os trabalhadores se tinham ausentado do trabalho e que de novo se effectuavam grandes concentrações. Os trabalhadores, empregados na linha e nas estações retiravam, como já acontecera por vezes, no ultimo comboyo, e reoccupavam os seus logares quando seguia o primeiro comboyo da manhã. No dia 25, ao anoitecer, espalhou-se com a rapidez do relampago que os negros tinham morto dois europeus na ilha Xefina. Era infelizmente verdade.

Carlos Lopes, um neto do celebre e valente patrão Joaquim Lopes, de Paço d'Arcos, fôra n'um escaler, acompanhado de dois madeirenses e um italiano, pescar para a Inhaca. Apenas na bahia, saltou-lhe o vento para o sul a soprar rijo, convencidos de que era impossivel aproar á Inhaca resolveram arribar á Xefina, uma ilha situada na foz do rio Incomati.

Todos quatro iam armados de Kropatschek e municiados com cartuchos.

Quando estavam prestes a abordar a terra, viram uma lancha a bordejar dentro do rio com cerca de trinta pretos; receiando serem atacados quando saltassem na praia, romperam fogo contra a lancha, que se affastou fazendo força de vela. Desembarcaram e foram dormir para o barracão, que serve de lazareto. Pela manhã, quando accordaram não viram o escaler, os pretos cortaram-lhe a amarra e com a maré derivara para dentro do rio.

Estavam sem meios de transporte. Carlos Lopes, homem fertil em expedientes, mandou construir uma jangada com as portas e madeiras do pharol, ficando prompta á tarde. A essa hora disse aos dois madeirenses que se mettessem n'ella, que fossem a Lourenço Marques participar o facto e que lhe trouxessem pela manhã uma embarcação. Instado pare embarcar respondeu que estava com um ataque de rheumatismo, que se molhava e ficaria peior se fosse. A jangada affastou-se em direcção ao porto, mas quando estava a cerca d'uns seiscentos metros ouviram os madeirenses tiros na praia, voltaram-se, viram um grupo de negros e os dois no meio d'elles, recuando em direcção ao mar. A noite cahia e já havia um meio crepusculo, sentiram dois tiros mais... e tudo ficou silencioso.

Chegados á cidade, mandou o governador Canto e Castro fretar o vapor *Neves Ferreira*, da casa Cohen, deu o commando ao tenente Furtado, mandou-o tripular pelos melhores atiradores da corveta, armal-o com um canhão rewolver, e no dia seguinte, ás 10 horas, partiu para a Xefina. Chegados ali, estava tudo concluido: na praia viam-se os dois cadaveres completamente nús.

Feitas algumas descargas para afugentar os rebeldes, caso lá estivessem, desembarcou a marinhagem, que trouxe os cadaveres para terra. Ambos estavam, como de costume, crivados de azagaiadas, qualquer d'ellas mortal.

Carlos Lopes tinha a perna esquerda quasi separada por uma machadada no terço superior e dois ferimentos de bala no peito, o que leva a crêr que se suicidara antes de ser trucidado.

Que horrivel agonia se passára ali!

Transportados os cadaveres para Lourenço Marques, ficaram depositados na corveta até á tarde; ás 5 horas seguiram os feretros do caes até ao cemiterio em cima de duas carretas, cobertos com a bandeira nacional e acompanhados por officiaes de marinha, de terra, e muito povo. Toda a gente que estacionava nas ruas se descobria commovida quando passava o prestito. Todas as despesas do enterramento foram feitos á custa do Dr. Pimenta de Castro, juiz de direito.

Todos lamentaram mais esta barbaridade. Carlos Lopes era um bom e valente rapaz, contando os amigos pelas pessoas que o conheciam. D'uma rara pericia no mar, era d'uma calma intrepidez em terra; fôra por varias vezes elogiado officialmente, e em especial, quando foi n'umas excepcionaes condições de mar, levar mantimentos e correspondencia ao vapor *Mac-Mahon*, encalhado na barra do Limpopo, missão a que ninguem se quiz arriscar.

Depois do meiado de Outubro vieram chegando navios estrangeiros; em seguida á *Trush* veio a *Sparrow*, canhoneiras inglezas, depois o cruzador allemão *Seeadler*, e após o inglez *Philomel* e *Rancoon*. A politica das potencias europeas fazia-se appoiar em Lourenço Marques pelos canhões dos seus navios.

Entre a gente armada dos rebeldes havia fome, entre os grandes dissenções, entre os regulos rivalidades. O ataque do dia 14 de outubro, que falhára, não só desanimara os guerreiros, provára que os chefes se não auxiliariam entre si e que as antigas dissidencias da paz não eram esquecidas pelas necessidades impreteriveis da guerra.

Pouco a pouco, começaram a apparecer na cidade os *indunas* de varios regulos que ninguem sabia se se tinham manifestado pró ou contra os rebeldes, a affirmarem os seus sentimentos de obediencia e protestos de fidelidade ao governo. O regulo da Moamba penitenciava-se, assegurando que se se lhe dessem armas bateria os seus antigos alliados, Ma-

hazuli e Mamatibejana; o régulo Cigaúle da Matolla, que se conservara mais neutral do que alliado, apresentava um estendal de serviços prestados, em recompensa dos quaes pedia armas de tiro rapido e que logo ao outro dia marcharia a destroçar as terras do Zixaxa.

Baseados n'uma politica optimista, foram entregues ao regulo da Matolla umas setenta armas, Martini Henry, para elle com o povo da Moamba baterem o Zixaxa.

Na noite immediata, em menos de duas horas, chegaram á residencia do governo as seguintes tres noticias, todas com o cunho da mais austera verdade.

1.ª Ás 9 e meia da noite, a Matolla e o Moamba atacaram o Zixaxa, pondo-os em derrota e matando-lhe 160 homens.

2.ª Ás 10 horas, a Matolla e a Moamba, depois d'um renhido combate contra o Zixaxa, causaram-lhe trezentas baixas.

3.ª Ás 10 e meia, a Matolla e a Moamba, em seguida a uma disputada batalha, foram vencidos pelo Zixaxa, que lhes matara novecentos homens.

Nada d'isto era verdade. A Matolla e a Moamba, armados com boas espingardas, o seu mais afagado sonho, pensaram que eram tão pretos como os que deveriam atacar e consequentemente aconselhou-os a que fugissem antes de lá chegarem, para não se dar o combate, nem os brancos ficarem descontentes. Deus queira que no futuro aquellas armas se não voltem contra nós!

Mamatibejana, cujo exercito estava reduzido a um punhado de homens, e que via todos os dias as deserções marcarem mais uma vaga nas fileiras, appellava para o bom conselho da mãe, que um mez antes despressra. Escusava-se esta, respondendo-lhe que, visto como elle, por opiniões alheias, estava sem gente, sem terras e em breve proscripto, se dirigisse agora para o aconselhar a quem o collocara em tal situação, que fôra principalmente Mapatacanhana.

Mamatibejana, desalentado, aproveitau-se da prevenção da

Moamba e da Matolla, não lhes acceitou combate, e retirou com a gente que ainda se lhe conservava fiel para junto do Mahazuli, nas terras da Magaia.

A maior crise estava passada e o perigo porque a cidade passou de ser tomada e saqueada, longe, pelo menos por algum tempo. Não queria porém o destino que a população descançasse sem ter de soffrer mais uma vez ás consequencias drasticas das pavorosas.

No dia 6 de novembro, um soldado preto que andava desertado do batalhão, abandonara o posto armado e municiado. Tomou um pouco mais de *cachaça* e principiou a sentir-se com disposições bellicas. Presa da idéa de combater, mas não havendo inimigo nem alvo digno de empregar os projecteis dos seus cartuchos, trepou para cima d'um cajueiro e começou a apagar candieiros á bala. Os tiros succediam-se sem interrupção, os vidros voavam feitos estilhaços, as luzes apagavam-se e as balas assobiavam lépidas por cima da cabeça do transeunte despreoccupado. N'isto apparecem os cipaes da administração, que estando tambem armados julgaram mais prompto acabar a contenda a fogo. Era uma perfeita escaramuça.

Em baixo, na cidade, não se sabia a causa do acontecido; alguem mais medroso lembrou-se de dizer que eram os rebeldes que estavam já no pantano. Era o fim do mundo, e como ninguem pensava então na possibilidade d'um ataque, a reacção foi maior.

Os italianos que estavam sentados á porta do Banco Ultramarino, lembrando se do que acontecera ao seu infeliz companheiro, na Xefina, levantaram-se e fugiram espavoridos, gritando *I negri, I negri*, os baneanes largavam as chinellas para melhor correrem, os kiosques esvasiavam-se n'um momento, a ponte apinhou-se de povo, a praça 7 de Março enchia-se como por encanto, e muitos europeus, para cohonestarem a desordenada carreira, gritavam atrás d'um imaginario fugitivo: *Agarra! agarra!*

Fôra o ultimo alvoroto.

No dia 7 de Novembro ordenou o governador do districto que se arrancassem os tapumes que vedavam as travessas, as barricadas exteriores foram demolidas, e as barricas de cimento que barravam as ruas, na praça 7 de Março armazenadas. A cidade retomára o seu aspecto ordiuario, e n'essa noite, pela primeira vez desde o dia 24 de Setembro, tocava a musica no jardim e parecia como que um mau sonho que passára.

No dia 10 chegou o vapor *Angola* com quinhentos recrutos, naturaes de Loanda, e no dia 12 o paquete *Cazengo*, com o 2.º batalhão de caçadores n.º 2, uma bateria d'artilheria de montanha, material de guerra e viveres para seis mezes.

Mais uma vez o exercito ia provar que podia e sabia ir defender a bandeira portugueza, em qualquer parte que ella se hasteasse.

CAPITULO XI

Conclusões

Em toda esta desgraçada questão, havia a tomar, para a resolução do problema, dois caminhos — o da diplomacia e o militar.

O primeiro podia dar momentaneamente satisfatorios resultados.

Todavia era uma fraquesa. O espirito de reacção que se manifestava nos pretos, minado ou não por influencias extranhas, não desappareceria nunca por meios brandos. O indigena convencera-se de que eramos fracos ou mesmo pusillanimes, os estrangeiros fomentavam-lhe essa crença, os missionarios implantavam-lhe essa convicção, os agentes politicos forneciam-lhe as mais eloquentes provas e a proverbial brandura do caracter portuguez concorria como um factor poderoso para a derrocada do nosso prestigio moral.

O indigena chegou a considerar-nos como uma raça inferior, a ingenua surpresa que lhe causou a fórma como se repelliram as hostilidades e os meios de defesa de que disposémos, confirma plenamente esta asserção.

O governador do districto Canto e Castro não podia nem devia por qualquer fórma, ainda a mais brilhantemente adornada, resignar-se á recusa do pagamento do imposto. Era a

sua perdição como funccionario administrativo, era o naufragio completo da influencia da raça portugueza na Africa do Sul.

A metropole podia-lhe agradecer a economia d'alguns centos de contos de réis, a philantropia o poupar de algumas vidas, a ociosidade o trabalho de algumas dezenas de homens, a politica o córte de difficuldades, mas a bandeira nacional ficava a gottejar sangue, a dignidade da aggremiação portugueza mal ferida, e esmagado, o que n'um homem constitue o seu orgulho e n'um paiz a honra d'um povo.

A tempestade da reacção vinha de longe, engrossava sempre e cahiu. A herança de muitos e complexos erros administrativos, legada pela centralisação da gerencia metropolitana, produziu os seus effeitos. O regato da desobediencia, com pouco volume de agua a principio, depois caudal, mais tarde torrente e logo catadupa, rompeu todos os diques, innundou as margens e ia esmagando quem lhe soffreu o choque.

Tudo para quanto se appellava falhou: a influencia do Gungunhana e o auxilio do Maputo.

Os pretos assassinavam compatriotas á nossa vista, vinham desafiar-nos com os seus saltos e gritos, azagaiavam creanças que arrancavam dos braços dos paes, cortavam as communicações com o interior, encurralavam os habitantes no perimetro da cidade, não se possuia senão o terreno que se pisava, faziam á cidade um cerco em fórma e não havia soldados para se fazer uma sortida. Cada um dos que havia era mais do que precioso, era insubstituivel.

A policia e as forças de caçadores n.° 3 e 4, soldados e officiaes, fizeram serviço de campanha, dia e noite, durante 76 dias. A força de marinheiros, todos os officiaes que estavam em differentes commissões, todos os operarios e pessoal menor das repartições, todos os funccionarios, bombeiros voluntarios e bastantes habitantes, perderam 46 noites guarnecendo as barricadas, ao relento, á chuva, alguns dias ao sol, de espingarda ao hombro, promptos a fazer frente ao que viesse.

Só quem assistiu a algumas d'aquellas tempestuosas noites em que o céo se despenhava em catadupas d'agua, em que cinco ou seis trovoadas faziam estalar os trovões em differentes pontos, repercutindo com medonho estampido da collina á encosta e d'ali ao mar, em que os relampagos rasgavam com rapidez a escuridão profunda, illuminando por um momento as barricadas, para as deixar em seguida mais mergulhadas nas trevas, em que a cinco metros se não distinguia o vulto d'um homem, em que a chuva corria como que um véo a quem tinha de estar álerta, em que era necessario uma enorme contenção de espirito para que a vigilancia fosse effectiva, só quem assistiu, repetimos, a essas interminaveis noites, é que póde calcular as longas horas de angustia moral e de incommodo physico porque todos passaram.

As consequencias d'estas intemperies, apanhadas a pé firme, não se fizeram esperar; para a Europa começa uma longa peregrinação de enfermos, o hospital está cheio de doentes e nas casas particulares os facultativos não estão um momento ociosos.

De Lisboa telegraphara-se que sahiriam a corveta *Affonso de Albuquerque*, canhoneira *Rio Lima* e transporte *Africa*, e de Moçambique, trazendo reforços compostos de soldados indigenas, a canhoneira *Quanza*.

Estas noticias produziram uma agradavel impressão, que todavia tinha de ser pouca duradoura.

A *Affonso de Albuquerque*, que deveria ter sahido no dia 2 de outubro, só sahira em fins do mez, a canhoneira *Rio Lima* não se chegou mesmo a saber que largára do Tejo, o transporte *Africa* ia para o dique quando devia partir para Lourenço Marques, sendo o *Angola*, um vapor mercante, que transportava os recrutas de Loanda. A canhoneira *Quanza*, vinda do Ibo, levava doze dias a reparar a machina, e em viagem para Lourenço Marques teve avarias que a obrigaram a arribar a Moçambique, sendo os reforços transportados pelos paquetes, inglez e allemão, da carreira.

Dos cinco navios de guerra que deveriam encontrar-se no porto, sò a corveta *Rainha de Portugal*, graças á muita energia do seu commandante, chegára ao seu destino e prestou uma valiosa coadjuvação. Sentia-se uma especie de vergonha e embaraço cada vez que entrava um navio estrangeiro e dos nossos não havia noticias.

Esta ausencia não pôde ser attribuida a menos boa vontade de quem os commanda ou tripula: é que a nossa marinha não tem sufficiente numero de navios, que de repente possam navegar em soccorro de qualquer colonia. Os que são do serviço privativo das colonias exigem-lhe taes e tão aturadas commissões, sem serem beneficiados, reparadas as avarias e concertadas as machinas, que quando se carecem d'elles para qualquer missão urgente não podem trabalhar e são como uma especie de asylo para a tripulação. Assim, mouros e baneanes fartaram-se de fazer impunemente contrabando de polvora e armas pelo rio Incomati acima, varios vapores fundearam fóra do porto e não poderam ser fiscalisados e na Xefina mataram cobardemente dois europeus e não houve com que se bombardeasse aquella amaldiçoada canalha.

No entanto a imprensa portugueza pouco ou nada sabia e o que publicou era reproduzido dos jornaes estrangeiros, francezes e inglezes, que umas vezes eram defficientes, outras pouco verdadeiros.

Bastantes jornaes do Transwal e das colonias inglezas do sul mandaram correspondentes seus para Lourenço Marques. Houve alguns que foram verdadeiros e as suas correspondencias apenas relatavam a verdade restricta dos factos succedidos, outros, porém, tal como o correspondente do *Star*, de Johannesburg, ora agente de seguros, ora corretor de peccadoras, ora assiduo frequentador dos *bars*, lembrou-se de mimosear a força publica, especialmente os officiaes, com os mais amaveis epithetos, entre os quaes, o de cobarde, era o mais suave.

Valha-nos Deus! N'outro paiz, fosse quem fosse que se

atrevesse a dirigir taes calumnias a homens que bem tinham cumprido o seu dever, na mais rigorosa accepção da palavra, ou tinha uma bala nos miolos, ou o governo procederia contra elle energicamente.

*

* *

Na critica conjunctura porque se atravessou deixaram-se de tomar medidas que teriam talvez alliviado um pouco o árduo trabalho dos defensores, prevenido determinados inconvenientes e augmentado os meios de resistencia.

Houve sempre a preoccupação de excluir os estrangeiros da defesa, como systematicamente se tem feito para alguns outros assumptos, assim esta exclusão trouxe uma especie de despeito da parte d'elles. Convém advertir que em Lourenço Marques o numero de subditos inglezes é inferior aos estrangeiros d'outras nacionalidades reunidos.

A grande maioria da colonia estrangeira, sem excepção de bandeira, esteve sempre prompta a tomar parte na defesa, como tomou, guarnecendo barricadas durante algumas noites e fazendo parte dos reconhecimentos a cavallo fóra da cidade, com o maior contingente. Podia-se ter aproveitado aquella gente convidando-os a eleger entre si um commandante, e pondo-lhe ao lado um official portuguez para tratar dos assumptos profissionaes. Isto não se fez, o que deu logar a comicios e a alguns protestos.

As armas de todos os systemas foram distribuidas a quem as pedia n'uma occasião de panico. Bastantes desappareceram e outras estão inutilisadas.

Poder-se-hia ter dividido a população da cidade em quatro secções, que comprehendessem os habitantes que moravam em designadas ruas. Á frente d'essas secções collocar-se-hia um official que lhe ministrasse a indispensavel instrucção militar e que lhe fizesse conhecer a arma distribuida. O armamento estaria n'uma dada casa, onde em occasião de alarme

cada um o iria buscar com o respectivo cartuchame, o que obstaria ao inconveniente de todos andarem armados pelas ruas, podendo-se assim exercer uma vantajosa fiscalisação sobre elle, que não houve.

Finalmente, teria sido bem mais regular designar a cada individuo civil o posto ou barricada que deveria guarnecer em caso de perigo e não andar a arrebanhar os habitantes, como acontecia, quando estes corriam desorientados pela rua, sem saberem onde se dirigirem, o que dava em resultado ficarem as fortificações mais d'um quarto de hora sem serem occupadas.

*

* *

Por despeitos mais pessoaes que baseados em qualquer facto justo, levantara-se n'um certo meio uma tal ou qual animosidade e apaixonada critica contra a guarnição da corveta *Rainha de Portugal.*

É das mais flagrantes e lastimaveis injustiças que se podem fazer. As praças da tripulação desembarcadas e os officiaes que as commandavam, 2.º tenente Sepulveda, guardas-marinhas Nogueira, Pinto Cardoso, Pereira da Silva, Santos e Silva Cardoso, sustentaram brilhantemente as gloriosas tradições dos seus camaradas.

Melhores soldados, mais alegres e soffredores, sempre dispostos a qualquer trabalho, sempre promptos a sacrificar a sua vida, caso lhes fosse exigida, não existem n'outros paizes. A rapidez com que vinham occupar o seu posto, o cuidado com que faziam o serviço nocturno, a abnegação com que guarneciam os *block-haus*, onde em caso de ataque se lhes não poderia levar auxilio e onde não tinham conforto nem abrigo, o sangue frio com que encaravam qualquer lucta desegual, dá-lhes direito á admiração de quem quer que seja.

O seu commandante, o capitão de fragata Moraes e Sousa, a quem elles chamavam o *seu velho*, não os abandonou uma

unica noite, inspirando confiança e enthusiasmo vêr a calma tranquillidade e serena intrepidez com que aquelle official tomava todas as suas disposições e encarava as mais terriveis probabilidades.

*
* *

Chegou a Lourenço Marques uma expedição militar europeia que era indispensavel seguir, produzindo um esplendido effeito moral na população e nos pretos revoltados, e que mostrou mais uma vez aos estrangeiros que temos soldados e officiaes do exercito continental capazes de se sacrificarem em ir ao ultramar.

A quadra é a peior possivel para a acclimação, mas não havia tempo nem era occasião para se escolher a época nem demorar sob qualquer pretexto a remessa dos reforços.

E' justo que o exercito preste o seu concurso em circumstancias criticas em qualquer territorio onde se desfralde a bandeira da patria. Para que isso seja exequivel é necessario modificar a carta constitucional na parte que diz respeito ao serviço do exercito nas colonias, e acabar de prompto com os postos de accesso. A Inglaterra, a França, a Allemanha, a Hespanha, a Hollanda e a Italia mandam os seus regimentos prestar serviço na India, no Senegal, em Ovambo, nas Philippinas, em Java e na Abyssinia. Quem se alista nos exercitos d'aquelles paizes já sabe que pode soffrer a contingencia de ir de guarnição para os antipodas, e nenhum dos governos d'aquellas potencias se lembraram ainda de reconhecer aos seus sargentos ineditas habilitações scientificas que sejam susceptiveis de desencubar ao atravessar o equador.

E' necessario acabar com as chamadas guarnições ultramarinas, independentes umas das outras, com promoções, pagamentos e organisações differentes. E' necessario que o exercito seja augmentado, que destaque brigadas e regimentos para as colonias, e que cada individuo que d'elle faz parte se convença que, durante o alistamento, tem que prestar um serviço identico ao que é exigido á marinha.

Acabadas as guarnições ultramarinas, collocados os officiaes em commissões *ad hoc* e augmentado o exercito, destacar-se-hia um regimento de infanteria e uma bateria de artilheria para cada uma das possessões de Cabo Verde, Macau, Timor, Guiné, S. Thomé e Principe, e uma brigada mixta, com todas as unidades tacticas relativas, para cada uma das provincias de Angola, Moçambique e India.

Os generaes seriam os chefes militares, dependentes apenas do Ministerio da Marinha ou da Guerra, e os chefes de estado maior desempenhariam o cargo que hoje compete aos chefes das repartições militares.

As unidades europeias só guarneceriam as terras do littoral e haveria companhias de guerra, compostas de indigenas transferidos d'umas para outras colonias, que guarneceriam o interior.

Nenhum official seria promovido sem ter feito um determinado tirocinio nas colonias. O que se não sujeitasse a isso seria preterido.

O quadro dos officiaes das companhias de guerra, organisadas com indigenas, seria preenchido por officiaes que se offerecessem voluntariamente para desempenhar tal serviço, mediante diminuição de tirocinio, augmento de vencimento e de percentagem para a reforma.

Cada regimento estaria dois annos de guarnição, podendo ser mudado de uma para outra colonia, quando o serviço o exigisse. Os officiaes e praças com qualquer licença, incluindo a da junta, perderia direito ao tempo de tirocinio, augmento de vencimento e percentagem de reforma durante todo o periodo que estivesse fóra da colonia onde o seu regimento estacionava.

Os governadores geraes e de districto passariam a ser civis e sem ingerencia de qualquer especie sobre a força militar, que seria unicamente exercida pelo general ou commandante, conservando entre si as mesmas relações que existem no continente entre os commandantes das divisões e os governadores civis.

Os soldados com direito a baixa, continuando ou não o serviço, não seriam repatriados senão com o regimento. As familias dos officiaes podel-os-hiam acompanhar, mas não regressariam á custa do governo, fosse qual fosse a causa, se não acompanhando os seus chefes.

Eis os traços geraes de uma reorganisação militar do ultramar, que poderia trazer vantagens a Portugal e ás colonias. Se se calcular bem como hoje peza no orçamento colonial as guarnições militares, os commandos sem recursos, os batalhões sem effectivo, os officiaes, muitos sem instrucção profissional, os hospitaes e todo o serviço de saude com uma grande percentagem de facultativos habilitados por escholas secundarias, os transportes maritimos de militares, o que custa uma das taes chamadas guerras, cuja causa é em geral devida á deficiencia de força publica, o que se dispende na remessa extraordinaria de uma expedição europeia, como se tem gradualmente perdido o prestigio pela ausencia de um rasoavel poder militar, ha de-se concordar que o augmento da despeza a fazer talvez represente uma economia.

Nas condições apontadas. o regimento, o esquadrão ou a bateria seria como um magnifico nucleo de colonisação. Muitos dos soldados fixar-se-hiam á terra dedicando-se ao commercio e á agricultura, bastantes casamentos teriam logar, a presença da mulher europeia, que ainda é tão pouco vulgar nas nossas colonias, modificaria em muito a forma de viver dos colonos e como acontece na Europa a presença da tropa n'uma terra não só desenvolveria a instrucção e a energia de vida mas seria ainda uma poderosa alavanca para a sua prosperidade e engrandecimento.

As forças europeias, salvo raras excepções, não devem sahir das povoações da costa, a acclimação é mais difficil no interior, a nostalgia um dos grandes auxiliares das enfermidades dos tropicos, é ali mais perniciosa, as condições de transporte mais difficeis, a alimentação menos sadia e demorada, o empaludismo mais violento.

Para o interior só devem ir os indigenas commandados por

europeus, que por sua vontade, ou pela boa acclimação ali queiram ir.

O effeito da acção militar dos europeus no interior é limitada. Para a guerra de pretos só pretos. A tactica europeia perde muito das suas vantagens devido ás condições de terreno no sertão; o alcance das armas portateis é restringido pela continuação successiva de bosques, matto ou capim, tão alto, que encobre um homem e muitas vezes um elephante; a coragem individual e collectiva, ou é annullada pelo ataque simultaneo de muitos sobre um só, ou pelas emboscadas traiçoeiras em que todos os meios são bons para aniquillar o invasor; a rapidez vertiginosa da metralhadora ou os effeitos mortiferos das lanternetas e granadas, magnificos para quando o ataque se faz em massas compactas, enfraquece nos seus resultados, quando os cafres, como macacos, se empoleiram nos troncos das arvores, ou veem dispersos arremessar as azagaias e desfechar as espingardas; a cavallaria regular, com todas as vantagens na rapidez da marcha. de facil deslocamento na manobra, de terriveis consequencias no choque, vê-se demorada pela estreiteza das veredas no matto, presa pelas más condições do solo, neutralisada pelo lodo dos pantanos nas planicies ou pelo entrelaçado dos ramos nas florestas.

A par d'isto, ás forças europeias internadas no sertão falta-lhes uma das primeiras vantagens, a mobilidade. Se fizer marchas durante o calor serão innumeros os doentes, se de noite, o cacimbo inutilisará uma grande parte dos combatentes, E'-lhes impossivel marchar sem uma grande *impedimenta* a tolher-lhe os movimentos; a bem da hygiene os bivaques terão de ser substituidos pelos acampamentos e d'ahi o transporte d'um pesado material; a alimentação terá que ser nutritiva e succulenta e n'aquelles plainos despovoados ou nas florestas sem recursos, é necessario tudo conduzir; o transporte de munições quer de bocca quer de guerra, ou retardarão as columnas, ou deixadas á rectaguarda serão apresadas, ou faltarão no momento em que pódem ser mais urgentes.

No interior d'Africa não é só neceessario um habil general que bem commande, é preciso tambem um chefe cauteloso que bem administre.

*

* *

Para que se não diga que fazemos asserções gratuitas, vamos lançar uma rapida vista d'olhos para os resultados que teem obtido as expedições europeias em operações no ultramar, na segunda metade d'este seculo.

A Inglaterra, a primeira potencia colonial, tem na India um exercito especial, composto na generalidade de maharatas e gourkas, commandados na maioria por officiaes inglezes e por uma pequena minoria de officiaes indigenas, habilitados pela escola militar de Calcuttá. Depois do Mutiny, em 1854, mantém a proporção d'um regimento europeu per cada dois indigenas. Em 1860, se não ha erro, fez a guerra da Abyssinia para castigar Theodorus, mandando uma expedição, quasi toda composta de tropas indianas, que rapidamente venceram o inimigo, sendo as baixas por doença dadas quasi exclusivamente entre os europeus. Na expedição contra os Ashantees, na costa d'Ouro, commandada por um dos seus mais habeis generaes, Garnett Wolseley, apesar dos cuidados excepcionaes que se teve com os expedicionarios, houve que se largar a conquista em seguida á occupação de Cumassia, por doença da maior parte dos soldados.

No anno de 1877 e seguintes, teve que se bater, com as melhores das suas tropas europeias, contra os *basutos*, *zulus* e *boers*, e em todas essas campanhas soffreu as desgraçadissimas derrotas de Taba Bosigo, Izandhluana, Bronkhorst Spruit e monte Amajuba. A seguir á facil e porventura pouco perigosa guerra contra as forças de Arabi Pachá, no baixo Egypto, começou a soffrer revezes sobre revezes no Nilo Superior, a ponto de não poder soccorrer Gordon em Karthoum, e de deixar nos areaes da antiga Thebas e Memphis um grande numero de soldados inglezes. Ha dois mezes,

para não citar mais exemplos, um dos navios que esteve no golpho de Benin, *Phoebus*, e que foi obrigado a desembarcar a tripulação para inflingir uma lição ao gentio d'aquellas terras, chegou á ilha da Ascenção com 230 homens doentes com febres, dos quaes morreram 30, e com tal rapidez, que se chegou a espalhar que era o cholera que se manifestára a bordo.

A França, que ultimamente aproveita tanto quanto pode os soldados indigenas commandados por officiaes europeus, nas guerras contra os kabylas de Argel e tribus do interior, perdeu immensa gente e experimentou sensiveis perdas nos longos tres annos de combates contra os pavilhões negros do Tonkim; as suas tropas teem soffrido verdadeiros massacres em differentes pontos do Senegal; a tão desejada posse de Tombuctu custou-lhe muitissimo sangue, tendo columnas inteiras chacinadas, sem salvação para um só homem, como aconteceu á do coronel Bonnier, e se o bom exito da expedição do Dahomey orgulha um paiz e enaltece um soldado como o general Dodds, a verdade é que, n'aquella força, o numero d'homens europeus, com excepção dos officiaes, era limitadissimo.

Escreveriamos um livro dizendo que as tropas hollandezas levaram sete annos na campanha contra o sultão do Atchim, em Java, a quem nunca venceram completamente, acabando por fazer a paz, e que n'outro dia cerca de 750 bons soldados de tropa regular foram, em Lombock, attrahidos a uma emboscada e mortos traiçoeiramente sem defeza.

A Hespanha pode dizer o que lhe tem custado em soldados europeus, mais mortos pelo clima que por effeito de hostilidades, as sublevações de Cuba e a posse das Philippinas, como ainda ha pouco em Mindanau.

A Allemanha, que ainda ha meia duzia de annos se dedicou a aventuras coloniaes, os seus soldados, de que tanto se orgulha e com rasão, commandados por homens como Wiessemann e outros, teem sido batidos em Uganda, Dar-Es-Salam, Damaraland e Ovambo.

A Italia, a quem deu tambem pruridos de se dilatar por

terras d'além-mar, tem aprendido na Abyssinia o que custa a ter colonias, e os soldados italianos, apesar das suas Vatterli e dos meios mais aperfeiçoados de combate, ficaram sabendo o que são as guerras d'Africa pelos combates de Kassala e Massuah, e pela hecatombe medonha de Ogali.

Portugal não tem fugido a esta regra geral. Está no espirito de todos as tres expedições contra o Bonga, de que a terceira, a mais bem organisada que sahiu do reino, por traição, é verdade, ficou esphacelada como as precedentes; como teem sido improficuos todos os sacrificios d'homens e dinheiro para se dominar a Guiné; finalmente, os pouquissimos resultados que se tiraram da expedição á Beira, que foi fragmentada e não chegou a attingir o seu objectivo.

*

* *

Foi de Lisboa o 2.º batalhão de caçadoses n.º 2, com 450 homens, a bateria de artilheria de montanha, com 70 praças, e 500 recrutas de Angola. Em Lourenço Marques ha 60 homens de infanteria de policia, 12 de cavallaria e cerca de 300 homens pertencentes ás forças de caçadores n.ºs 1, 2, 3 e 4 da guarnição de Moçambique. Os indigenas da provincia, valentes quando expatriados, são pusilamines nas suas terras; os da India, os taes pseudo maharatas, ao menor signal de perigo, logo que a primeira bala assobia, tremem como se uma corrente electrica lhes convulcionasse os musculos e os nervos.

Diz-se que é intensão superior começar as operações militares logo que todo o material esteja desembarcado. Temos pois, mesmo na hypothese absurda de deixar ficar a cidade sem guarnição militar de qualquer especie, uma expedição composta de 1392 homens entre brancos e pretos, para entrarem em campanha contra o minimo d'uma força de quinze mil homens.

Os indigenas que já tem praça assente nunca atiraram ao

alvo, os 500 recrutas que vieram d'Angola, desconhecem os principios mais elementares da instrucção militar, fica por consequencia como força effectiva digna de ter esse nome, o corpo policial, o batalhão de caçadores n.º 2, hoje só com duas companhias, e a bateria de montanha.

A estação actual é a das chuvas torrenciaes, das grandes innundações em que os rios sáem dos seus leitos, em que os campos se transformam em extensos paues, em que os poucos caminhos se tornam intransitaveis, e em que para tudo dizer os proprios pretos teem febres.

Ora de duas uma, ou os pretos rebeldes fazem frente dispondo d'um effectivo numeroso, defendendo as suas terras, conhecendo o terreno e preparando emboscadas e então apezar da valentia dos soldados e da coragem dos officiaes, póde ter logar um desbarate, e é mais uma desgraça que cáe sobre o paiz; ou os pretos se intimidam e fogem, dispersam-se por differentes logares, embrenham-se nas florestas da Xerinda, escondem-se nos mattos de Intimane e a expedição limita-se a dar um passeio militar em pessimas condições climaticas, queima as povoações que encontra, agarra aqui ou acolá alguma cabeça de gado, e regressa á cidade sem ter visto um negro, sem disparar um tiro, mas com dois terços do effectivo no hospital e então é mais o dispendio inutil d'algumas centenas de contos de réis a sobrecarregar o thesouro.

Dispendio inutil sim. Além de todas as outras vantagens que os negros teem sobre nós em Africa, accresce a de terem immensa facilidade em emigrar e não deixar atraz de si propriedade movel ou immovel, que sendo destruida, represente um damno ou castigo para elle.

As povoações compostas de meia duzia de palhotas, e dentro alguns utensilios de barro, unicas cousas que não levam, são destruidas e fica-se pensando que se deu uma sevéra lição.

Longe a força, passado o perigo, o rio ou o pantano fornece laca-laca e mangal para o esqueleto da palhota, o

plaino dá o capim para a formar, o solo fornece o barro para a maticar, e eis o preto com pouco trabalho, executado pelas suas mulheres, installado de novo e com a sua propriedade completamente reconstruida.

E' indispensavel dar uma lição aos negros revoltados, sevéra, dura, brutal, cruel mesmo, mas não nos parece que isso se obtenha pelos meios d'acção que agora estão reunidos na capital do districto.

Como dissémos, a força europeia, nucleo de defeza apenas deveria fazer o serviço de guarnição, e não sahiria para o matto senão em circumstancias especialissimas. Na cidade podiam-se organisar dois batalhões commandados por officiaes, acclimados, destemidos e que se offerecessem voluntariamente para esse serviço. Esses dois batalhões é que iriam bater os rebeldes no interior. Os soldados indigenas não usariam o ridiculo capacete branco que de nada lhes serve, o fardamento europeu seria posto de parte, as botas ficariam para os brancos, a mochila passaria para os museus e em compensação dar-se-hia uma *blouse* e uns calções de flanella, andaria descalço, com um gorro a cobril-o, de cartuxeira a tiracollo e uma boa arma de que conhecesse bem o systema.

Aproveitar da tactica europeia o que podésse servir, e desprezar o resto. Responder á traição com uma embuscada, ao combate desleal com ciladas, aos ataques da madrugada com assaltos nocturnos, á morte dos prisioneiros com execuções summarias, ao trucidamento dos feridos com castigos exemplares.

Em primeiro logar o dominio pela força com todas as suas consequencias, e depois a philantropia com as suas manifestações de bondade. A' frente a metralhadora, a bala explosiva, a espingarda de tiro rapido; atraz o trabalho rude, a restricção de terrenos, a necessidade da lucta pela vida; depois a escola, as commodidades e talvez a religião.

Estes dois batalhões seriam organisados um, de todas as praças d'Angola em serviço da provincia, outro, dos macúas

que se alistassem nas terras firmes. Como o effectivo d'estas duas unidades não era ainda numero sufficiente que nos isentasse d'um revez, contractar, o que não era difficil, gente do districto de Inhambane, bem pagos, dando-lhe além do pagamento, o gado, mulheres e terras que podessem conquistar. Seguir o principio politico de, quem se revoltasse, chefe ou guerreiro, *induna* ou *mofana*, nunca mais occuparia a terra, origem da revolta, e passaria a ser dominado por quem vinha de longe e exercera o direito de conquista.

Este processo seguido sempre em Africa pela Inglaterra e pelos *boers* do Transwaal tem dado magnificos resultados. Assim, quando o general Wolseley, administrador do Traanswaal, então annexado, quiz vencer o regulo Secucuni, cansado de vêr repellidas as tropas inglezas e todas as expedições compostas de *boers*, contractou com Umbadinc. regulo da Swasiland, o alistamento d'uma *impi* que em pouco tempo conseguiu o que a disciplina e os bons atiradores não poderam fazer.

Com o Mapoch, o Mampoer, Malaboch e outros potentados rebeldes, nunca se prescindiu do recurso dos auxiliares indigenas, que teem na fórma de combater vantagens reaes sobre os brancos.

Quando elles são em numero sufficiente para o ataque é um erro estrategico fazel-os acompanhar por tropas regulares que lhe embaraçam os movimentos e lhes tiram as grandes vantagens de mobilidade e surpresa. Quando vieram á Catembe os maputos houve discussões se o Corpo Policial devia ou não acompanhal os nas operações. Era uma medida mal tomada se o fizessem; ou os maputos se suppunham sufficientes para bater os rebeldes e n'esse caso avançariam com a sua grande rapidez de marcha, e quando se estivessem a bater ainda os soldados europeus acampavam a dois ou tres dias de caminho, ou os obrigavam a acompanhar os brancos e perdiam parte das suas vantagens especiaes, ou se fossem batidos a força de policia não era sufficiente para resistir ao choque dos rebeldes e seria sem mercê sacrificada.

*
* *

Antes de concluirmos devemos dizer o que se nos afigura justo sobre o alistamento de voluntarios no Transwaal para virem castigar os rebeldes. A idéa em si era boa, pratica e economica... o peior era a politica.

Ha no Transwaal e nas colonias do sul um numero avultado de homens, que ou pela sua educação especial, ou pelo espirito aventureiro que os empolga, ou por desmedido orgulho, não encontram facilmente occupação. As minas, que ao principio empregam todos os braços, vão pouco a pouco desilludindo aquelles que exploram *claims* que nada dão, e apesar da dourada perspectiva que muitos fórmam ácerca dos terrenos auriferos, a verdade é que ao lado d'uma quantidade d'ouro apparece grande numero de vagabundos, mortos de fome e dispostos a tudo.

E' quasi sempre, entre esses aventureiros, que se recrutam os chamados voluntarios para qualquer expedição contra os cafres quando o clima é mortifero, a resistencia tenaz e o castigo severo. Sem familia a grande maioria, sem a noção de patria, despidos de escrupulos, levados pelo instincto de guerra, adaptados a todos os climas, habituados a todas as intemperies, fazem a guerra como os negros, batem-se como leões, saqueiam como bandidos e morrem como réprobos. Nem uma lagrima quando cahem feridos, uma saudade quando morrem, uma lamentação quando se extraviam.

D'estes homens existem centenas na Africa do Sul. E' com essa materia prima que o governo do Cabo e Natal tem organisado alguns corpos e terminado bastantes campanhas, e é d'elles que a South African Company formou a sua policia montada e que compoz uma grande parte da expedição que invadiu a terra dos Matabelles e matou o Lobengula, seu chefe.

Estes homens são commandados em geral por officiaes

d'élite, formando com elles um perfeito contraste pela sua sciencia e conhecimentos profissionaes, pelo logar que occupam no exercito e pela superior intelligencia. Dirigidos por estes officiaes e sem ter que se dispender demasiado cuidado com o prolongamento da sua existencia, fazem-se verdadeiros prodigios, como foi indubitavelmente a guerra dos Matabelles, em que 740 homens a cavallo e algumas Maximm derrotaram, intimidaram e subjugaram, n'um mau clima, todo um povo, que até ali fôra invencivel.

Ora duzentos ou trezentos d'estes homens, em Lonrenço Marques, bem commandados, porque officiaes appareceriam no ultramar e continente, terminariam a rebellião e dariam uma licção severissima aos negros em menos d'um mez.

O pagamento a estes mercenarios oscilla entre 5 e 10 shellings diarios, levando á sua custa, cavallos, armas e munições. O governo dar-lhe-hia todo o gado apprehendido e qualquer saque feito e fornecer-lhe-hia outro cavallo caso morresse ou se inutilisasse o que era propriedade sua. Sommadas todas as despesas occasionadas por esta gente e comparando-a com as de qualquer expedição composta de força regular, a economia é enorme a favor da expedição dos mercenarios.

A vinda d'elles, porém, trazia o seu perigo. Ou eram inglezes ou boers.

Inglezes, podia a sua vinda ao districto ser aproveitada para uma estada mais longa ou talvez permanente. Boers, poderia acontecer que, a titulo de reforços, viessem *commandos* sobre *commandos*, e o districto passasse a fazer parte do territorio da Republica Sul Africana.

*
* *

A situação politica de Lourenço Marques é das mais melindrosas. Sobre o districto, como sobre uma cobiçada presa, esvoaçam de garras abertas as ambições de Inglaterra, da Allemanha, do Transwal, e indirectamente da Hollanda.

Se Portugal quer conservar realmente aquella colonia, manter as suas tradições historicas, desempenhar um papel proeminente na Africa do Sul, affirmar o seu dominio d'uma fórma energica e decisiva, tem em primeiro logar que tornar autonoma de Moçambique a sua administração e em seguida manter ali uma guarnição europeia, assás forte para reagir contra qualquer eventualidade, por extraordinaria que pareça.

Se o governo pensa em dar a exploração do caminho de ferro a particulares, para pagar qualquer indemnisação, se pensa em hypothecar os rendimentos publicos ou entregar a administração geral a uma companhia, então é melhor vender o districto.

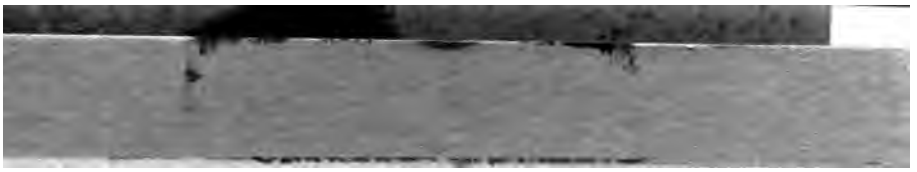
Ha quem o pague por avultada somma.

Não é a rebellião dos negros, por perigosa que seja, que é necessario temer, é a diplomacia europeia, as partilhas e compensações que se combinam nas chancellarias das grandes potencias.

O gabinete de S. James retrahiu-se, sem protestos nem aggressões de imprensa, perante a occupação de Madagascar pelos francezes, o Transwal está momentaneamente satisfeito com a Swaziland, se se arranja qualquer cousa para a Allemanha, certo é que a Inglaterra terá a parte do leão.

Pensar emquanto é tempo. Ou vender depressa e caro ou prover de prompto remedio.

Bordo do *Goth*, 1 de Dezembro de 1894.



HOOVER INSTITUTION

To avoid fine, this book should be returned on or before the date last stamped below

15M-9-71-30991